PLACAR FLAMENGO

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL

EXTRA

SUPERPOSTER:
O TIME DE TODOS
OS TEMPOS

DISCO COM
O HINO DO CLUBE

ADESIVO PARA
CARRO E BOTÕES

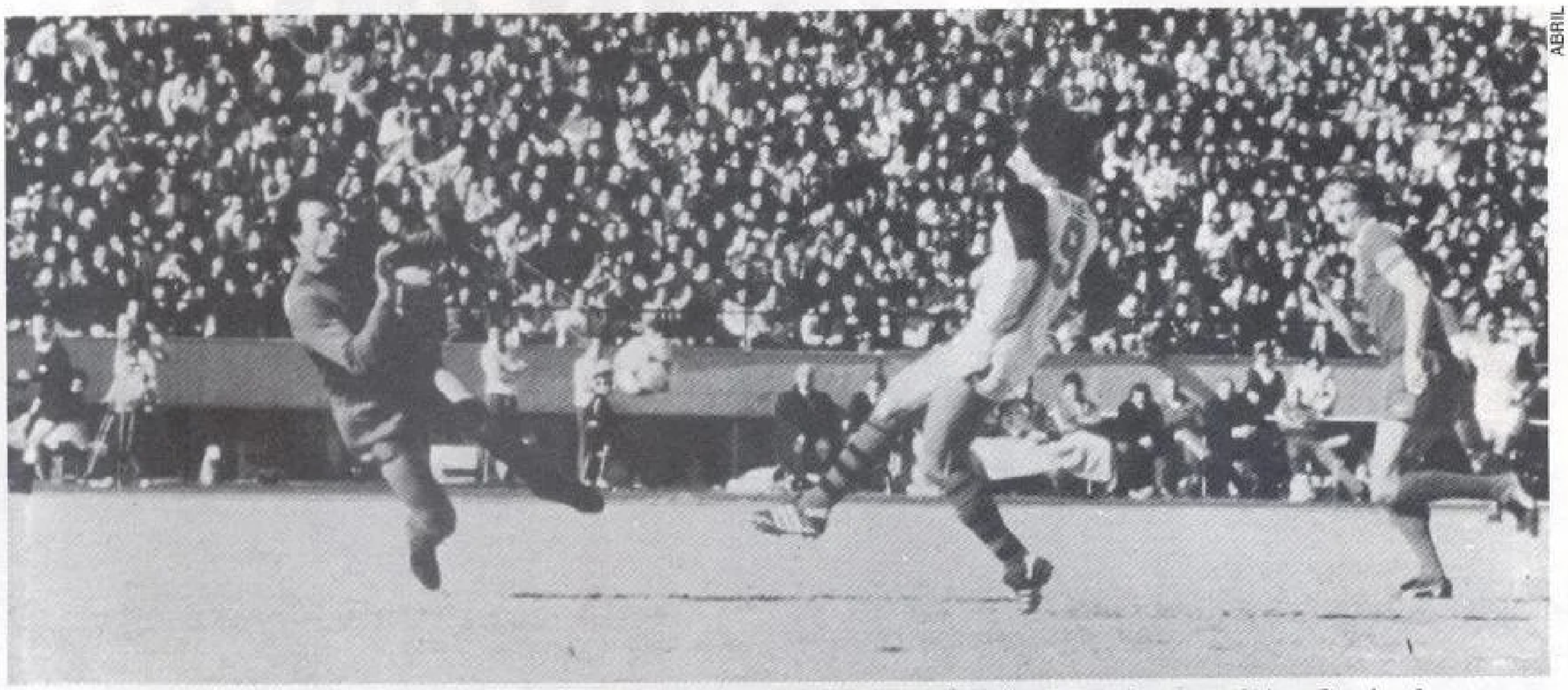
Está na boca de todos:

Cerveja Brahma Chopp, melhor que nunca.

BOTA A BOCA NO MUNDO, MENGÃO!

Os japoneses assistiram ao espetáculo rubro-negro, um show de futebol digno de um campeão mundial. E o grito da torcida percorreu o país: "Mengôôô..."

ABRIL



ABRIL

Eram 12 minutos de jogo e Nunes estava infernal. Recebe o passe de Zico, encobre o goleiro Goobrelaar e...

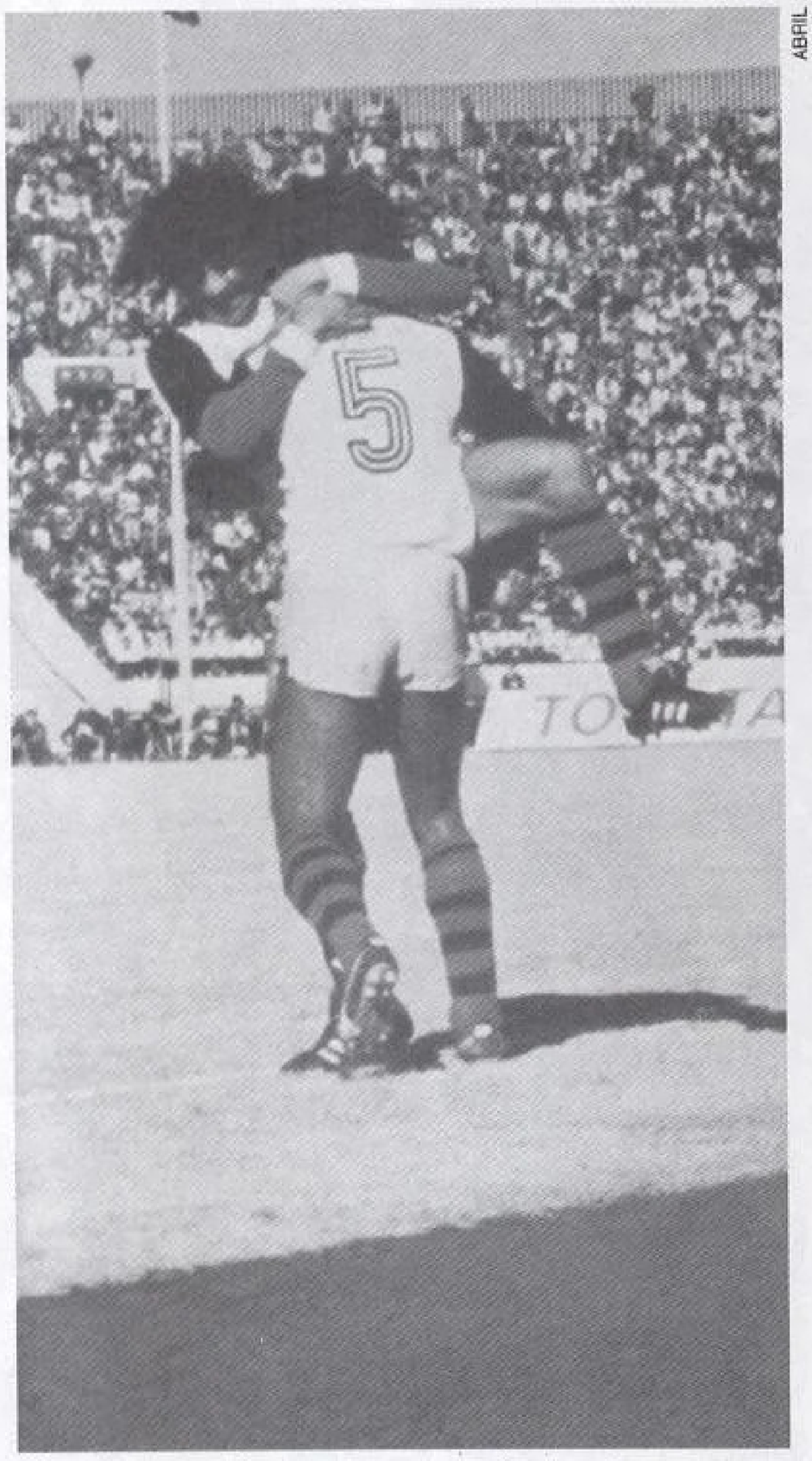
...vai acompanhando a bola e o esforço de um zagueiro inglês que tenta alcançá-la

NA CAMINHADA que levou o Flamengo ao título de campeão mundial, às vezes bastava jogar — e o Flamengo deu shows de bola. Outras vezes, era preciso entrar em guerra — e o Flamengo deixou seu sangue em campo. Principalmente na decisão da Libertadores contra o Cobreloa, quando o zagueiro Mario Soto confundiu futebol com luta-livre. Por tudo isso, no dia 12 de dezembro de 1981, quando os jogadores iam saindo do Hotel Takanawa Prince, em Tóquio, houve uma pequena reunião antes de entrarem no ônibus. Diferente das costumeiras palestras e preleções. Era um momento especial. Zico tomou a palavra: "Olha, gente, hoje mais do que nunca temos de dar uma prova de dedicação, de desprendimento. Ninguém tentará coisas impossíveis, nem vai querer provar que sabe mais que o companheiro. Hoje temos de ser Flamengo como nunca". O zagueiro inglês Thompson, obviamente não participou da informal "carta de intenções" de Zico, mas sentiu na pele os efeitos que a palestra provocou em seu autor.

Era um raro dia de muito sol e temperatura amena de 10 graus no sempre rigoroso inverno de Tóquio. Capitão do Liverpool e integrante da Seleção Inglesa, Thompson saiu de campo ofegante com a canseira que

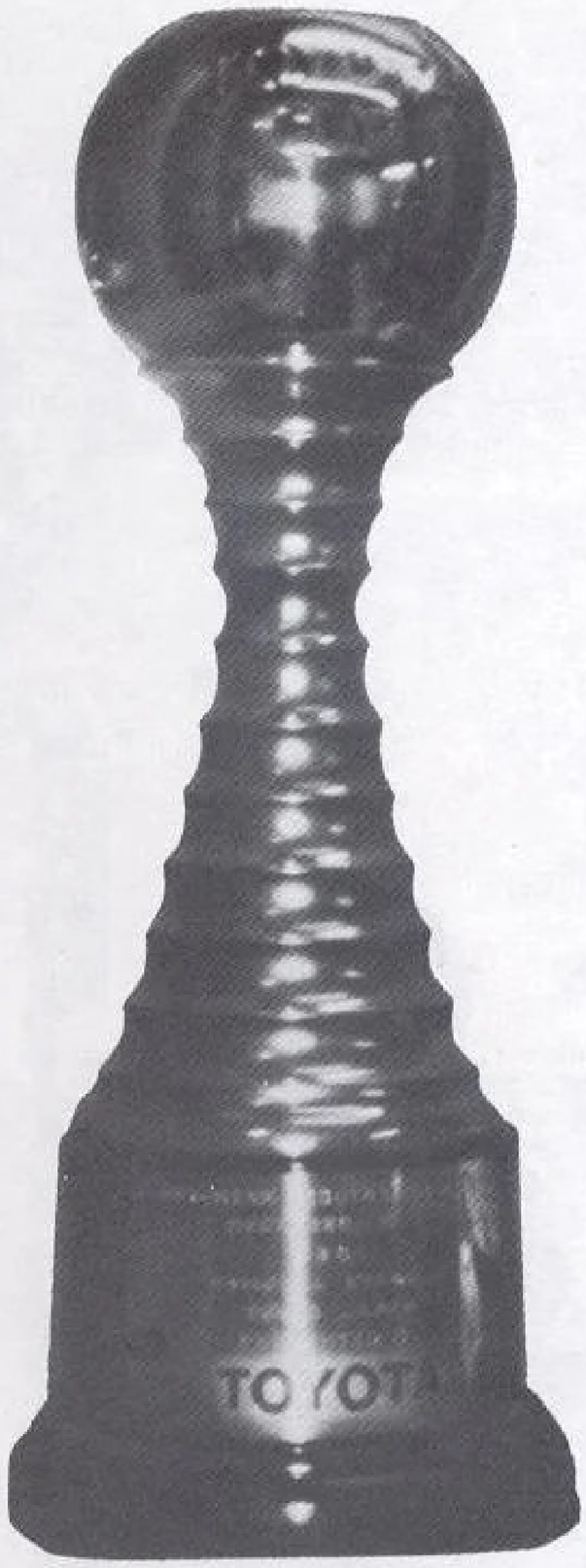
Antes que ela entre — observe a bola próxima a sua mão direita —, ele já sai comemorando o primeiro gol do Flamengo

MARCELO REZENDE



ABRIL

Nunes e Júnior no abraço da vitória



RODOLPHO MACHADO

1981 foi um ano especial: o Fla ganhou tudo

Zico lhe deu naquela decisão do Mundial Interclubes: "Ele é diabólico, desarmou nossa defesa".

Thompson tinha razão. Apesar da marcação rígida, Zico, num dia de glória, comandou o toque de bola que colocou os ingleses na roda. E de seus pés partiu o passe perfeito para a penetração de Nunes pela esquerda, aos 12 minutos. Fla 1 x 0.

Os INGLESES tentaram reagir, mas era impossível superar o perfeito esquema de marcação rubro-negro, o time fechado em bloco, ocupando cada espaço e deslocando-se constantemente. Para conter os brasileiros, o recurso eram as faltas — e isso lhes foi fatal: McDemott aterra Tita e Zico, na cobrança, acerta o peito do goleiro Goobrelaar, que solta para Lico emendar. Na rebatida, Adílio, arisco, faz 2 x 0, aos 34 minutos de jogo.

Feito um boxeador cambaleante, o Liverpool abre espaços na defesa. Thompson se descuida na marcação e Zico, bola dominada, vê novamente Nunes se infiltrando. Passe perfeito, Nunes 3 x 0. No segundo tempo, os japoneses assistiram boquiabertos ao espetáculo rubro-negro, um show digno de um campeão mundial. Exibição memorável: Leandro fechando o lado direito da defesa ou penetrando como ponta para atordoar o adversário; Marinho e Mozer anulando o jogo aéreo inimigo; Adílio driblando alegre, descobrindo espaços; Júnior triangulando com Zico, Adílio e Tita; Nunes ajudando na marcação e esbanjando energia; Lico e Andrade batalhadores, competentes operários da bola: E Zico, o regente, veloz, agressivo e disposto a provar que seu Flamengo era mesmo o melhor time do mundo. □

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

cursos rápidos !

- DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO
- CORTE E COSTURA (PARA A FORMAÇÃO DE MODISTAS)
- SUPLETIVO DE 1º GRAU
- BORDADO TRICÔ E CROCHÊ
- SUPLETIVO DE 2º GRAU
- AUXILIAR DE ENFERMAGEM
- REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO
- DESENHO ARQUITETÔNICO (Desenho de Plantas para Construções)
- TORNEIRO MECÂNICO
- DESENHO DE MECÂNICA
- MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS
- ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS
- MECÂNICA GERAL
- SECRETARIADO MODERNO
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- PORTUGUÊS (1º e 2º Graus)
- AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
- ELETRICIDADE
- CONTABILIDADE PRÁTICA (ASSISTENTE DE CONTADOR)
- INGLÊS
- MATEMÁTICA (1º e 2º Graus)

e mais dois novos lançamentos:

FOTOGRAFIA e CINEMA SUPER 8

A maior e mais perfeita organização de ensino por correspondência do país !

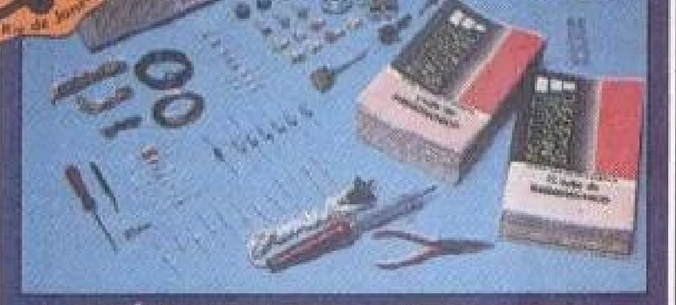
Nossa escola atinge, com rapidez e eficiência, todos os pontos do território brasileiro, ministrando, através de professores altamente especializados, um ensino minucioso e objetivo, de resultados práticos imediatos.

Afinal são 45 anos de experiência !

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário gratuitamente.

MENSALIDADES AO ALCANCE DE TODOS.

CURSO DE RADIOTÉCNICO TRANSÍSTORES TELEVISÃO
PRETO E BRANCO E A CORES



GRÁTIS MATERIAL COMPLETO

Matriz: Av. Rio Branco, 781 — Caixa Postal 5058 — São Paulo — CEP 01000

Filial Rio de Janeiro: Rua Riachuelo, 169 (Próximo aos Arcos da Lapa)

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO**
Av. Rio Branco, 781 — Cx. Postal 5058 — São Paulo — CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de

_____ por correspondência.
(INDICAR O CURSO DESEJADO)

Nome _____

Rua _____ **N.º** _____

CEP _____ **Bairro** _____ **Cx. Postal** _____

Cidade _____ **Estado** _____

ESTE CUPOM É SEU

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO**
Av. Rio Branco, 781 — Cx. Postal 5058 — São Paulo — CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de

_____ por correspondência.
(INDICAR O CURSO DESEJADO)

Nome _____

Rua _____ **N.º** _____

CEP _____ **Bairro** _____ **Cx. Postal** _____

Cidade _____ **Estado** _____

ESTE É PARA SEU AMIGO

COMEÇARIA TUDO OUTRA VEZ

"Vamos comprar um barco!" E assim nasce o campeão absoluto de popularidade, fenômeno da multiplicação de emoção e glória

No antigo Café Lamas, no Largo do Machado, ponto de encontro de estudantes, intelectuais e artistas, rolam todos os assuntos: os efeitos da Lei Áurea, proclamada há sete anos, na economia; a dívida externa com a Inglaterra, que não pára de crescer; a presença no governo do primeiro presidente civil, o advogado de Itu (SP) Prudente de Morais; a cólera, a peste bubônica e a febre amarela que assolam o Rio de Janeiro. Mas é claro que no papo sempre tem lugar para assuntos mais amenos, como naquela roda de rapazes do Flamengo, que acabam de tomar uma decisão histórica:

— Vamos comprar um barco!

Eles estavam mortos de inveja da *entinoelle,* baleeira do grupo de regatas do Botafogo, disputada pelas mocinhas, e resolvem partir para a criação de um grupo igual. José Agostinho Pereira da Cunha, Mário Spindola, Nestor de Barros e Augusto Silveira Lopes, quatro amigos, mais José Félix da Cunha Menezes e Felisberto Laport juntam então 650 mil-réis para a compra e restauração do barco *Pherusa,* que eles recebem no dia 6 de outubro de 1895, na praia de Maria Angu (Ramos). A idéia é ver o barco navegar dali ao Flamengo, mas o vento forte acaba virando a *Pherusa.* Bahia e Joaquim, que se haviam juntado ao grupo, mergulham em busca de socorro. Spindola tira as roupas e as agita como se fossem bandeiras. A lancha *Leal,* dos pescadores da Penha, reboca a *Pherusa* até o cais. Mas os rapazes ficam apreensivos com Bahia, que aparece quatro horas depois e vira herói.

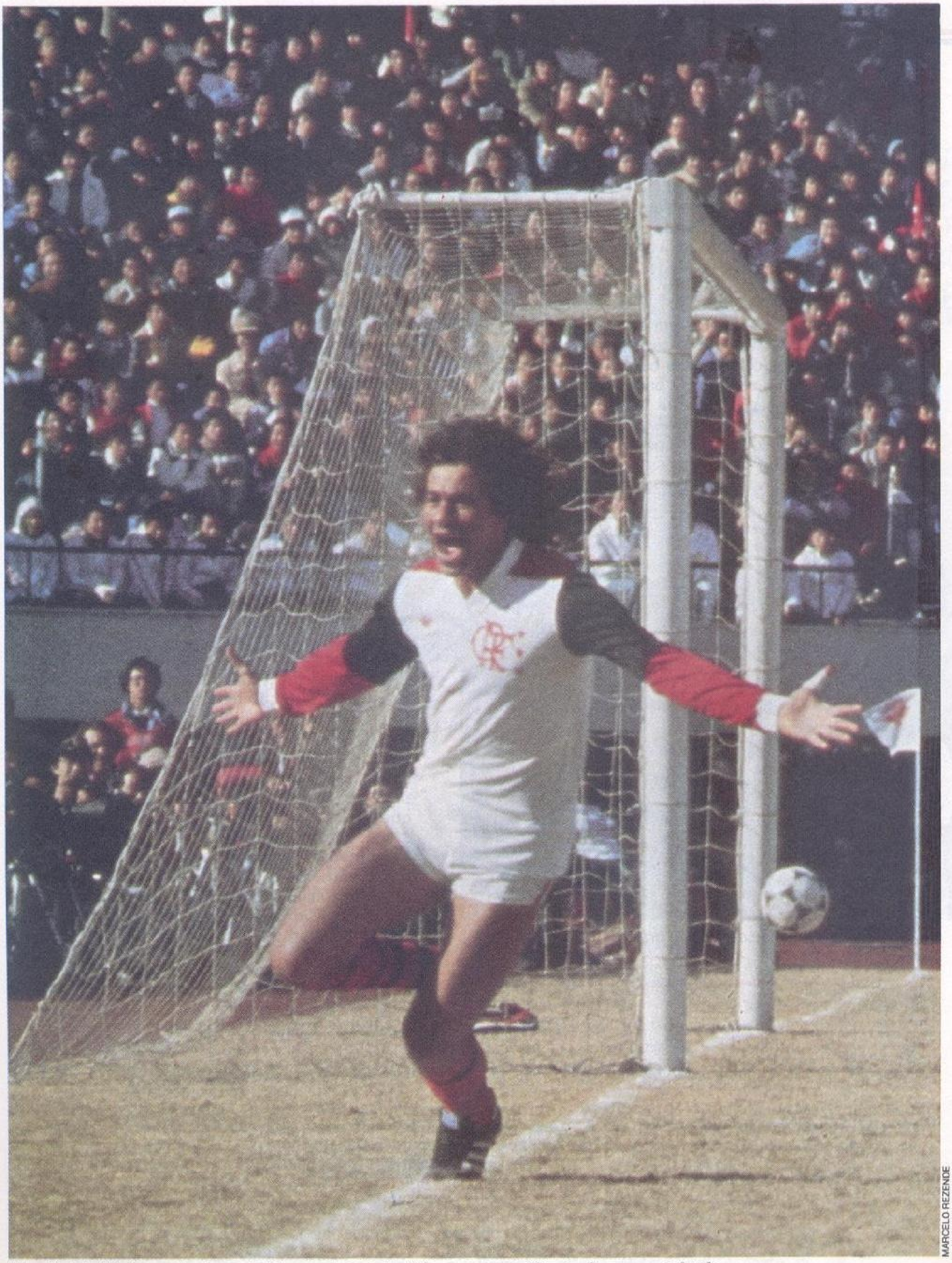
Pherusa, devolvida ao armador, dias depois é roubada. Outra "vaquinha" é feita por George Lenzinger, José Agostinho, José Félix e Felisberto Laport (500 mil-réis) para comprar o *Soyra,* antes batizada de *Etoile* pelo ex-dono Luciano Gary. Registrado o barco na Union de Canotiers, o grupo se reúne na casa de Nestor de Barros, no n.º 22 da Praia do Russel, um velho casarão colonial. Além de Nestor estão na reunião José Agostinho, Mário Spindola, Napoleão Coelho de Oliveira, Francisco Lucci Collas, Felisberto Laport, José Maria Leitão da Cunha, Carlos e Eduardo Sardinha, Maurício Rodrigues Pereira, Desidério Guimarães, George Lenzinger, Emídio José Barbosa, José Félix e Domingos Marques de Azevedo, que passou ali de curioso. Pois este guarda-marinha é escolhido como presidente; Lucci, vice-presidente; Nestor, secretário; e Felisberto, tesoureiro. Assinam ainda a ata Augusto Lopes da Silveira, João de Almeida Lustosa e José Augusto Chaleo. Era um domingo, 17 de novembro de 1895. Fica decidido que a comemoração seria sempre no dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República e, portanto, sempre feriado nacional. Por nacionalismo, dão preferência à palavra grupo em vez de clube. A sede seria o próprio casarão que já servia de garagem para o *Soyra.*

O nacionalismo é uma preocupação cons- ▷

FOTO ABRIL

Flamengo

Classe e elegância a serviço do foot-ball. O time dos primeiros anos não perde a linha



MARCELO REZENDE

Mundial de Clubes: os ingleses do Liverpool na roda, Zico passa para Nunes. Começa a goleada

tante do grupo e os nomes gregos dos barcos são substituídos por nomes indígenas. O escaler de dez remos passa a se chamar *Aymoré;* uma canoa de seis remos, *Iaci;* o barquinho de dois remos de Hermogeneo Dutra é batizado de *Irerê*. Resta agora competir com a *Soyra*.

A participação do grupo do Flamengo na primeira regata é um fiasco. Infantilmente, e por desconhecer a ação das marolas, os remadores comem um bacalhau à portuguesa com vinho verde. O barco bate na baliza de sinalização. Faz água e a tripulação não resiste ao enjôo. O vexame termina com a *Soyra* rebocada pelo barco do... Botafogo. Os rapazes do Flamengo voltam a competir regularmente, mas só conseguem ficar em terceiro lugar. O grupo fica conhecido como a "Turma do Bronze". Mas a sede do Flamengo torna-se famosa, passa a ser conhecida como "República da Paz e do Amor". As mocinhas que fazem *footing* pela praia sempre dão uma esticada até o 22 da praia do Russell. Os remadores andam nus, para desespero das freiras de um colégio particular vizinho. Mas acabam se tornando heróis no dia em que uma violenta ressaca arrebenta na Praia do Flamengo. São os remadores que removem as freiras e as alunas do internato. Depois da tempestade, o colégio se muda para outro bairro.

O GLOBO

A equipe da decisão do título de 1944

NA VIRADA do século, o grupo flamenguista tem de tudo: gente de famílias tradicionais, intelectuais, empregados de comércio. Sem contar torcida e torcedores fanáticos, como o poeta e cronista Mário Pederneiras, que propõe ao grupo passar a ser clube. As mocinhas se dividem entre o remo do Flamengo e o futebol do Fluminense. Cresce a rivalidade entre os dois grupos.

Enquanto isso é cada vez maior o número de clubes de futebol: Rio Foot-Ball Club, Fluminense F.C., The Bangu Athletic Club, Botafogo... O CLub de Cricket Paysandu e o Rio Cricket, de Niterói, também aderem. Em 1905 surge a Liga Metropolitana de Futebol e, no ano seguinte, é disputado o primeiro campeonato da cidade. Evidente que mais cedo ou mais tarde alguém iria propor que o Flamengo também entrasse na última moda. E a proposta partiu de um jogador do Fluminense, o estudante de Medicina Alberto Borgeth. Os remadores são contra. Mas a nova diretoria, que assume o já Clube de Regatas do Flamengo, em 8 de novembro de 1911, topa estudar a proposta. Borgeth é no-

FLAMENGO PASSADO A LIMPO

O Flamengo foi bicampeão carioca em 1914 e 15. Depois, o clube foi campeão nos seguintes anos: 1920, 21, 25, 27, 39, 42, 43, 44, 53, 54, 55, 63, 65, 72, 74, 78, 79 e 82. São 20 títulos que representam o que há de mais precioso para seus torcedores. Mas as conquistas não param aí.

No antigo Torneio Roberto Gomes Pedrosa — o velho Torneio Rio-São Paulo, que na época equivalia a um verdadeiro Campeonato Brasileiro —, o Flamengo ganhou o título de 1961. Já pela Taça de Ouro — que substituiu a Copa Brasil — o clube da Gávea venceu os torneios de 1980, 82 e 83.

Representando o Brasil na Taça Libertadores da América, o Flamengo foi o campeão do continente em 1981, o que o classificou para a final do Mundial de Clubes no Japão, contra o Liverpool. Venceu e levou o título:

Flamengo, um campeão mundial.

FOTO ABRIL

A base do primeiro tri: Jurandir, Domingos, Perácio, Nílton, Jaime, Bria, Pirilo, Zizinho, Biguá, Vevé e Jaci

meado presidente da Comissão de Estudos e, na noite de Natal de 1911, a assembléia aprova a criação de um Departamento de Esportes Terrestres. Era a abertura para a entrada do Flamengo no futebol.

E agora, Borgeth? Ele rema pelo Flamengo e joga futebol no Fluminense. Uma briga com a diretoria do Fluminense resolveria a questão. Por apoiar gente da oposição, Borgeth e Arnaldo Guimarães são barrados no primeiro time. Arnaldo volta na decisão contra o Paysandu, o time ganha o título, mas uma semana depois Borgeth lidera o movimento para a criação de outro time de futebol, aprovada por 40 do 60 sócios no dia 24 de novembro de 1911. Transferem-se, além de Borgeth, Othon Baena, Píndaro de Carvalho, Emmanuel Nery, Ernesto Amarante, Arnaldo de Almeida (Galo), Orlando Matos, Gustavo de Carvalho e Lawrence Andrews. Estava formado o núcleo do clube mais popular do Brasil.

O time cai logo de cara no gosto popular porque passa a treinar na Praia do Russell, o que facilita o contato com os torcedores. Além disso, aqueles jogadores são dissidentes de um time aristocrata.

A estréia foi no dia 3 de maio, no campo do América, em Campos Sales, contra o time da Mangueira, formado por operários da fábrica de chapéus Mangueira, da Rua São Francisco Xavier. Os irreverentes torcedores adversários gozam os jogadores do Flamengo, que usam uma camisa quadriculada. São chamados de Papagaio de Vintém. Mas tem volta: o Flamengo (com Baena; Píndaro e Nery; Lawrence, Gilbert e Galo; Baiano, Arnaldo, Amarante, Gustavo e Borgeth) arrasa a Mangueira por 16 x 2, gols de Gustavo (cinco, autor do primeiro histórico gol da equipe), Arnaldo (quatro), Amarante (quatro), Borgeth (dois) e Galo.

Se a estréia foi sensacional, a decepção veio no primeiro Fla x Flu: foi derrotado pelo segundo time tricolor por 3 x 2, a 7 de julho de 1912. Mas o Flamengo continua firme e ganha seu primeiro campeonato no amadorismo em 1914, perdendo apenas para o Botafogo, com oito vitórias e três empates. O time campeão: Baena, Píndaro e Nery; Curiol, Miguel e Galo; Oswaldo, Baiano, Borgeth, Riemer e Raul. O futebol vira assunto de cronistas famosos, como João do Rio. Provoca a ira de Lima Barreto, que o chama de "esporte de eli- ▷

ADALBERTO DINIZ

O Flamengo de Zico, um colecionador de títulos: festa no Maracanã para festejar o terceiro tri

te". A briga entre os intelectuais só serve para divulgar mais o futebol. O Flamengo já não usa o Papagaio de Vintém: trocou seu uniforme pela "cobra coral", que no ano seguinte muda — e fica igualzinho à camisa dos remadores, preto e vermelho em listras horizontais.

O Flamengo vai colhendo títulos: tricampeão de aspirantes nos primeiros anos de existência, bi em 1914 e 15. O segundo time ganha outro tricampeonato em 1916, 17 e 18. O primeiro time consegue mais um bi em 1920 e 21, além dos títulos de 1925 e 27. Em 1927, o Flamengo se mete numa briga entre as ligas carioca e paulista. Empresta seu campo ao Paulistano (de São Paulo) para amistosos contra os argentinos. A Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) suspende o Flamengo por um ano e os jogadores, não acreditando na força do clube, se transferem. O povo fica alucinado, revoltado e exige o time no campeonato. Os cartolas cancelam a punição. Mas o Flamengo já está sem equipe. Alguns jogadores que abandonaram os campos voltam para defender o clube, o time perde de 9 x 2 para o Botafogo, mas reage e vence o Vasco na decisão do turno (3 x 0) e returno (2 x 1). Um título incrível.

Nem mesmo o profissionalismo acaba com a garra e o entusiasmo dos jogadores do Flamengo. O Fluminense contrata quase toda a Seleção Paulista e ganha o tri de 1936, 37 e 38. O Flamengo de Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido e Jarbas interrompe a hegemonia tricolor. E, mesmo perdendo o artilheiro e ídolo Leônidas da Silva, inicia a jornada do seu primeiro tricampeonato, sob a regência de novo maestro, Thomaz Soares da Silva, Zizinho, o mestre Ziza.

O Flamengo vai-se firmando como o clube mais querido do Rio de Janeiro. Para acabar com as dúvidas, é feito um concurso para escolher o mais querido clube do Brasil (Rio de Janeiro). Rubro-negros, disfarçados de portugueses, reagem à manobra dos jornaleiros lusitanos, que escondem os exemplares do *Jornal do Brasil* — a engarrafadora de água mineral Salutaris é a promotora do concurso — vendidos exclusivamente aos vascaínos. Então, quando os sacos repletos de cupões chegam à sede do jornal, na Avenida Rio Branco, os falsos portugueses os recolhem e despejam os cupões em latrinas e no poço do elevador. O resultado todos sabem: o Flamengo é eleito o clube mais popular do Brasil. Os votos são descobertos no poço do elevador, mas de nada adiantam o choro e o

escândalo armado pelos vascaínos. O Flamengo soube usar molecagem, picardia e inteligência para superar o poderio econômico da colônia portuguesa radicada principalmente na Rua do Acre.

Os anos 40 não poderiam ser mais generosos para o Flamengo, apesar da Segunda Guerra Mundial. Depois de impedir o Fluminense de chegar ao bicampeonato, o presidente Gustavo de Carvalho, autor do primeiro gol do time, dava plena autonomia para o técnico Flávio Costa estruturar ainda mais o time. É o tempo de Domingos da Guia, Zizinho, Biguá, Valido, Jurandir e Vevé. Só poderia dar no que deu: o tricampeonato (1942, 43 e 44), conquistado com o discutido gol de Valido — os vascaínos alegam que o ponta-direita argentino se apoiou no lateral Argemiro para cabecear a bola aos 41 minutos do segundo tempo.

Lá pelo fim da Segunda Guerra, o governo brasileiro, que certo tempo namorou o Eixo, decidiu enviar seus pracinhas para lutar na Itália ao lado dos Aliados. Com eles segue o artilheiro Perácio. O time montado por Flávio Costa, por essas e outras, começa a se desestruturar. Sem Jurandir, Domingos da Guia e Valido, baixou a produção da equipe. Ficaram os veteranos zagueiros Newton Canegal, Jaime de Almeida, Biguá, o médio-volante paraguaio Modesto Bria e Zizinho. Para piorar, uma proposta milionária do Vasco tirou Flávio Costa da Gávea. Nenhum craque do porte de Jair Rosa Pinto conseguiu ajudar Zizinho a rearmar o time. E ainda vem o presidente Dario de Melo Pinto com uma idéia genial: vender Zizinho ao empresário Guilherme da Silveira, dono da fábrica de tecidos e presidente do Bangu.

Em 1950, só restavam os tricampeões Newton, Bria e Biguá. Um desastre: o Flamengo ficou em sétimo lugar, atrás do Olaria. Mais grave que isso era o tabu que se criou: seis anos sem vencer o Vasco. Na goleada 5 x 2, que o Vasco enfiou no Flamengo, a torcida queima uma camisa 10, revoltada com o time pela atuação de Jair Rosa Pinto. E passou a exigir a volta de Flávio Costa. Mas nem o técnico do tri resolveu a parada. É certo que o Flamengo quebra o tabu contra o Vasco em 1951, mas sem título não há Flávio Costa que agüente. No lugar dele entra Fleitas Solich.

Viriam os grandes anos deste técnico no Flamengo. Ele mantém a estrutura deixada por Flávio Costa e contrata os paraguaios García e Chamorro (goleiros), e Benítez (meia-esquerda). Com eles, o Flamengo chega fácil ao segundo tricampeonato (1953, 54 e 55). A política de misturar craques formados na Gávea — como o artilheiro Dida, o centroavante Henrique, o meia-esquerda Evaristo, os pontas Zagalo e Babá — com os reforços de outros clubes, idéia de Gilheto Cardoso, deu certo. Mas o grande presidente acabou morrendo na decisão de uma partida de basquete, sem ver o esquadrão rubro-negro ganhar o tri na melhor-de-três contra o América.

O Flamengo passa os anos JK sem nenhum título. E o começo da década de 60 também não foi dos mais felizes. O clube fica abalado com seguidas derrotas no Torneio Rio-São Paulo, embora acabe ganhan- ▷

FOTO ABRIL

Os campeões de 1953. Estava aberto o caminho para mais um tricampeonato

ABRIL

1939: um timaço que começava com Iustrich, o goleiro

do o torneio. Sofre mais com uma grande dívida acumulada, que dá na renúncia do presidente Georges Fernandes. Mas o clube se recupera e ganha os campeonatos cariocas de 1963 e 65, e o Torneio do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, o mais difícil era vencer o Botafogo de Nílton Santos, Garrincha e Didi, que reinava no Rio como o Santos de Pelé em São Paulo. Quando conseguiu superar o adversário, tropeçou nas decisões: perdeu a final de 1966, numa tumultuada partida contra o Bangu, que terminou em grossa pancadaria, e voltou a fracassar em 1969, contra o Fluminense.

Os bons anos voltariam na década seguinte: ganha os títulos de 1972 e 74. Surge um craque genial na escolinha do Flamengo — Zico. Com ele, o Flamengo ganha outro tricampeonato, em 1978 e 79 (em 1979, foram realizados dois campeonatos, o Carioca e o Fluminense — do Estado do Rio de Janeiro — e o Fla ganhou os dois), e arranca para os títulos brasileiros de 1980, 82 e 83, a Taça Libertadores e o Mundial de Clubes em 1981. Na decisão contra o Liverpool, da Inglaterra, em Tóquio, os japoneses viram que o Flamengo era mesmo o melhor do mundo: 3 x 0! □

OS CINCO PODERES DO FLAMENGO

O Flamengo tem um estatuto que o define como sociedade civil sem fins lucrativos e de utilidade pública. O clube possui três categorias de sócios: proprietário, patrimonial e contribuinte.

O segundo escalão do Flamengo é formado pelos grandes beneméritos, laureados-beneméritos e sócios atletas amadores, títulos dados pelo conselho deliberativo, que não pagam mensalidade e podem votar.

Completando o segundo escalão, ainda existem os sócios honorários, que prestaram serviços ao clube ou ao esporte em geral. Existem ainda os sócios correspondentes, que representam o clube fora da cidade. Eles não podem votar nem ser votados para o conselho deliberativo.

O clube tem cinco setores, assim divididos: assembléia-geral (participam todos os sócios maiores de 18 anos; ela se reúne de dois em dois anos); conselho deliberativo (órgão soberano, que se reúne em novembro para votar o orçamento e ver para quem entrega títulos honoríficos); conselho consultivo (composto pelos ex-presidentes de cada poder, os presidentes em exercício e os membros eleitos do conselho deliberativo); e conselho fiscal, cujos cinco membros são eleitos de dois em dois anos e se reúnem uma vez por quinzena.

A diretoria é composta de presidente, vice-presidente e vários vices responsáveis pelos diversos departamentos, nomeados pelo presidente. O vice-presidente tem o direito de dirigir cinco departamentos, que o presidente escolhe.

Entre os inúmeros departamentos do clube, destacam-se o de Educação Física e Esportes Amadores, o de Futebol e o da Comunicação Social e Marketing, responsável pela negociação de direitos autorais e de direito de uso comercial do logotipo, símbolos e marcas do clube, inclusive o lema: "Uma vez Flamengo, sempre Flamengo".

Se um dia o clube acabar (isto seria um desgosto profundo), o patrimônio líquido será dividido proporcionalmente entre os sócios-proprietários. E o patrimônio histórico vai para o Museu Nacional.

Escolas Internacionais:

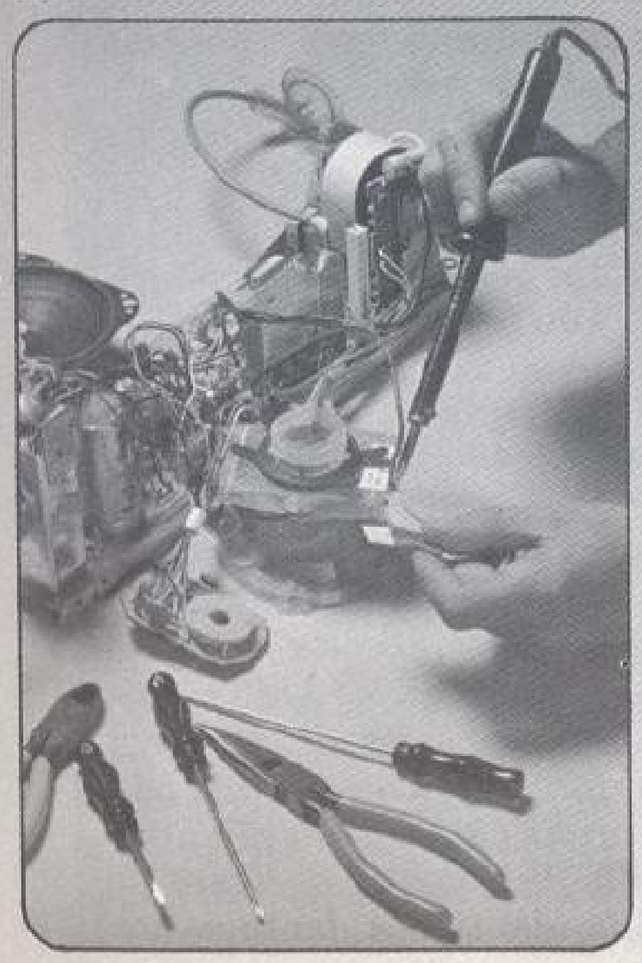
O FUTURO EM SUAS MÃOS

CURSOS DE: ELETRÔNICA; RÁDIO, ÁUDIO, APLICAÇÕES ESPECIAIS e TELEVISÃO

Escolas Internacionais, a maior, a mais moderna, a mais atualizada instituição de ensino por correspondência em todo o mundo! Na África do Sul, Austrália, Brasil, Canadá, Escócia, Estados Unidos, Gana, Inglaterra, Irlanda do Norte, Irlanda do Sul, Nova Zelândia, Singapura, Zâmbia e Zimbabwe.

A dimensão, a tradição, a seriedade e a atualização de ensinamentos são fatores muito importantes para você que deseja estudar por correspondência. É a garantia de que sempre contará com professores, educadores, engenheiros e técnicos modernos e muito bem preparados para levar-lhe os ensinamentos dos quais você não pode prescindir nos dias de hoje: MODERNOS. DINÂMICOS. SEMPRE ATUALIZADOS.

Você receberá, INTEIRAMENTE GRÁTIS, todas as peças, ferramentas, acessórios e componentes para fazer interessantíssimas experiências eletrônicas, para montar um *rádio portátil*, um *injetor de sinais*, um *multitester profissional*, um *sintonizador AM/FM, de 4 faixas, estéreo*, com *duas caixas de som*, um *receptor de televisão*.



ESCOLAS INTERNACIONAIS
Caixa Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Telefone: (011) 803-4499

ATENÇÃO

Se você não quiser recortar sua revista, mande-nos o cupom anexo.

PL / P 13

Escolas Internacionais
Cx. Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 803-4499
Sr. diretor, solicito que me envie, inteiramente grátis, o catálogo completo dos cursos de: *(assinale com X o curso desejado).*

☐ Eletrônica ☐ Rádio, Áudio e Aplicações Especiais ☐ Televisão

Nome _____

Rua _____ n.º _____

Cidade _____

CEP _____ Cidade _____

PONDO A ALEGRIA EM DIA

Quem viu, aproveite para rever. Quem não viu, fique sabendo. Nestes jogos, o coração rubro-negro explodiu de felicidade

JOGÕES não são apenas os dos títulos. Alguns, como aquele de 8 de novembro de 1981, contra o Botafogo, tiveram um outro gosto, talvez ainda mais forte: o da vingança pelos humilhantes 6 x 0 engolidos nove anos antes, no dia 15 de novembro de 1972.

RODOLPHO MACHADO

O Flamengo devolve os 6 x 0 entalados na garganta

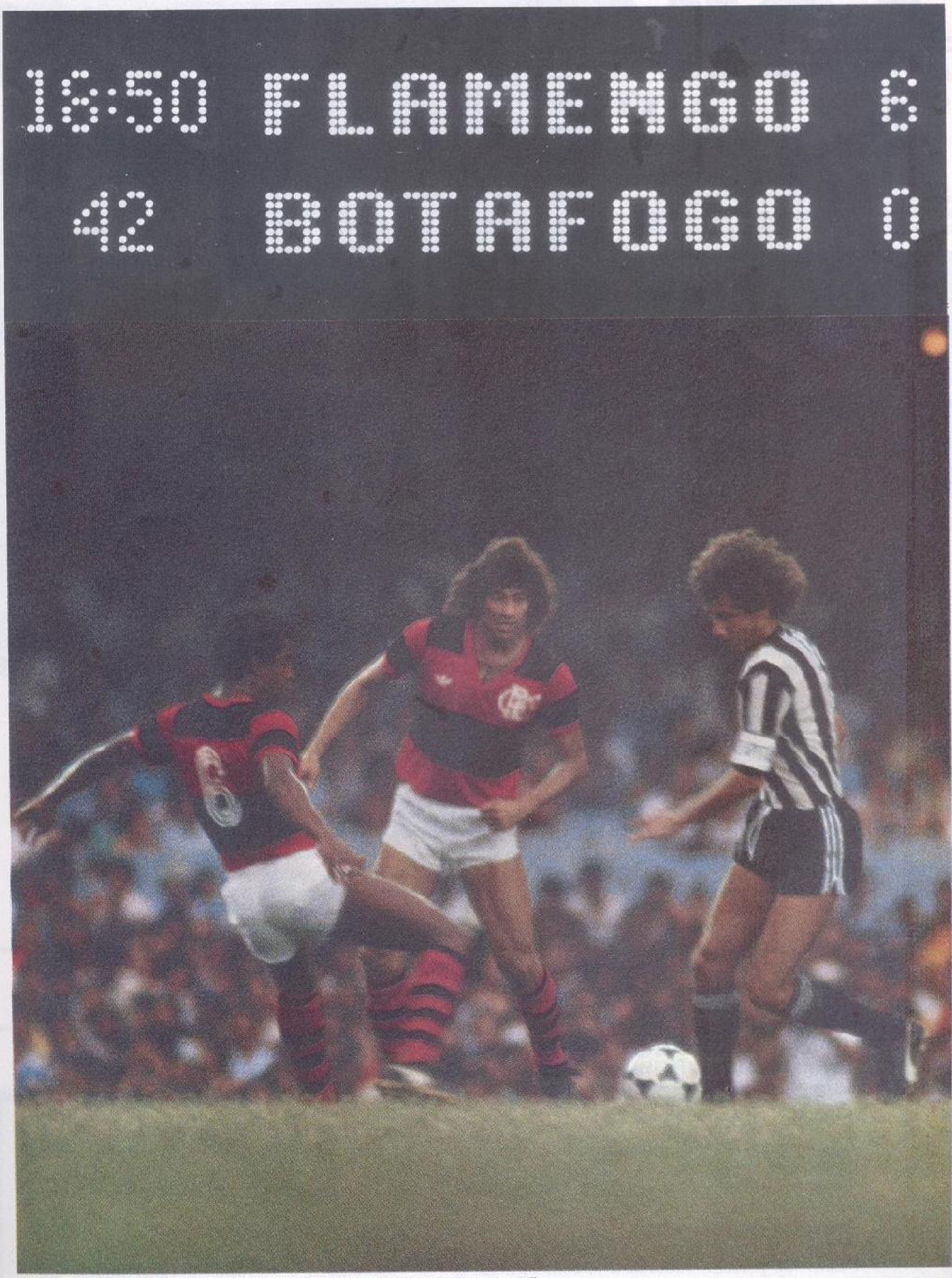
O primeiro gol foi aos 6 minutos de jogo: Nunes, emendando um cruzamento de Adílio da direita. Aos 27, tabela de Nunes e Adílio, a bola que estoura na defesa e volta para Zico fazer 2 x 0. O Botafogo não consegue passar do meio de campo e a histórica goleada começa a se desenhar, a tão esperada desforra. A torcida percebe a possibilidade quando Lico faz 3 x 0, depois de seis passes rápidos entre Júnior, Nunes e Zico aos 33 minutos. Seis minutos depois, Adílio faz o quarto, escorando de cabeça uma falta batida por Zico.

"Seis, queremos seis", grita frenética a galera rubro-negra. Em cada ataque é evidente a ansiedade, a esperança de devolver a goleada. Apenas Tita, que jogara na preliminar pelos dentes-de-leite naquele 15 de novembro de 1972, testemunhara pessoalmente o drama: "Os 6 x 0 estavam entalados na garganta. Era importante fazer 6 x 0. Nem um a menos. Nem um a mais".

Quando a bola sobrava para Jairzinho, único remanescente do Botafogo vitorioso, a torcida silenciava em respeito aos três gols que ele fizera naquele dia — um de letra.

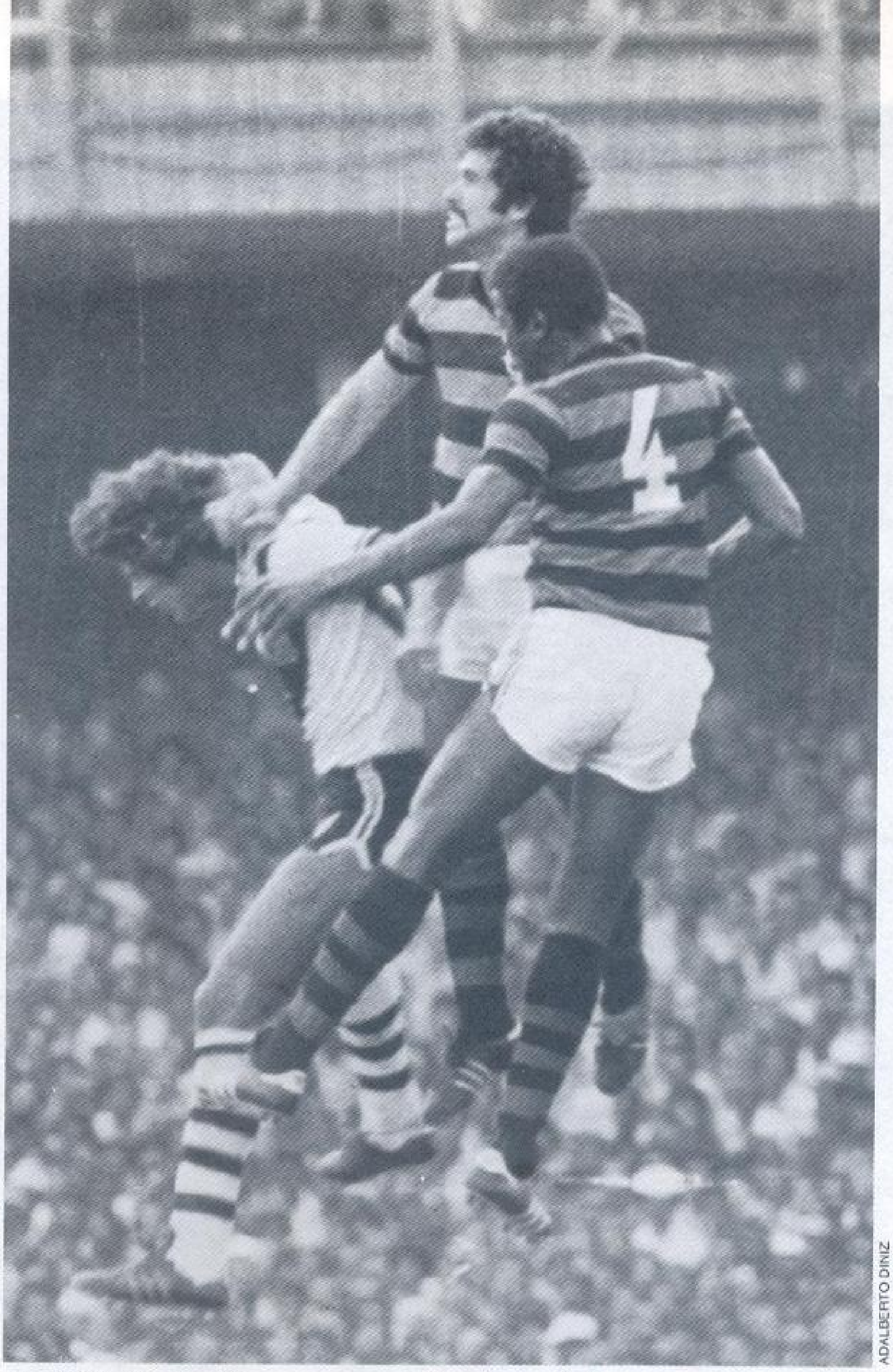
Aos 19 minutos do segundo tempo, Perivaldo quase impossibilita o sonho, batendo uma falta que raspou a trave de Raul. Mas 10 minutos depois, quando Rocha, desesperado, derruba Adílio dentro da área, Zico bate o pênalti com raiva e converte: 5 x 0. "Aí percebi que faltavam 15 minutos e que dava tempo para a vingança. Então o time enlouqueceu", contou depois o Galinho.

Sobravam apenas 3 minutos. Adílio centra da esquerda, Zico sobe na área, Jorge Luís rebate para fora — mas na medida para Andrade, o camisa 6, que fulmina no ângulo esquerdo de Paulo Sérgio. Eram os 6 x 0. Olho por olho, dente por dente.



IGNÁCIO FERREIRA

O tempo passa, a barba cresce e a torcida delira: "Seis, queremos seis"



ADALBERTO DINIZ

Em 1978, Rondinelli se consagrou. Virou Deus da Raça

Dia 2 de dezembro de 1978. O empate era suficiente para o Vasco conquistar o returno e decidir num jogo extra o título da temporada com o Flamengo, vencedor do primeiro turno. O astuto Orlando Fantoni tentou tirar proveito dessa vantagem vascaína e armou uma rígida retranca, deixando apenas o centroavante Roberto Dinamite para os contra-ataques. O Flamengo, confiando na força de seu ataque, entrou em campo disposto a liquidar o campeonato sem o jogo extra.

Maracanã lotado e nervoso assistia à decisão. Logo aos 2 minutos, uma cabeçada de Zico é defendida pelo elástico Leão. O Vasco só fustigava em rápidos contra-ataques com Roberto e o veterano Ramón, mas sentia falta de um bom lançador. O Flamengo dominava o jogo. Zico estava endiabrado e, aos 14 minutos, passou por Helinho, Abel e Orlando, chutando da entrada da área. Novamente Leão evita o gol certo. Além de o goleiro enervar o Flamengo, segurando tudo, o juiz José Roberto Wright também atrapalha; deixa de marcar algumas faltas na entrada da área do Vasco e erra ao dar um impedimento inexistente do ataque rubro-negro. Aos 42, Tita é derrubado por Orlando dentro da área, e Wright nada assinala. Mais vaias e protestos.

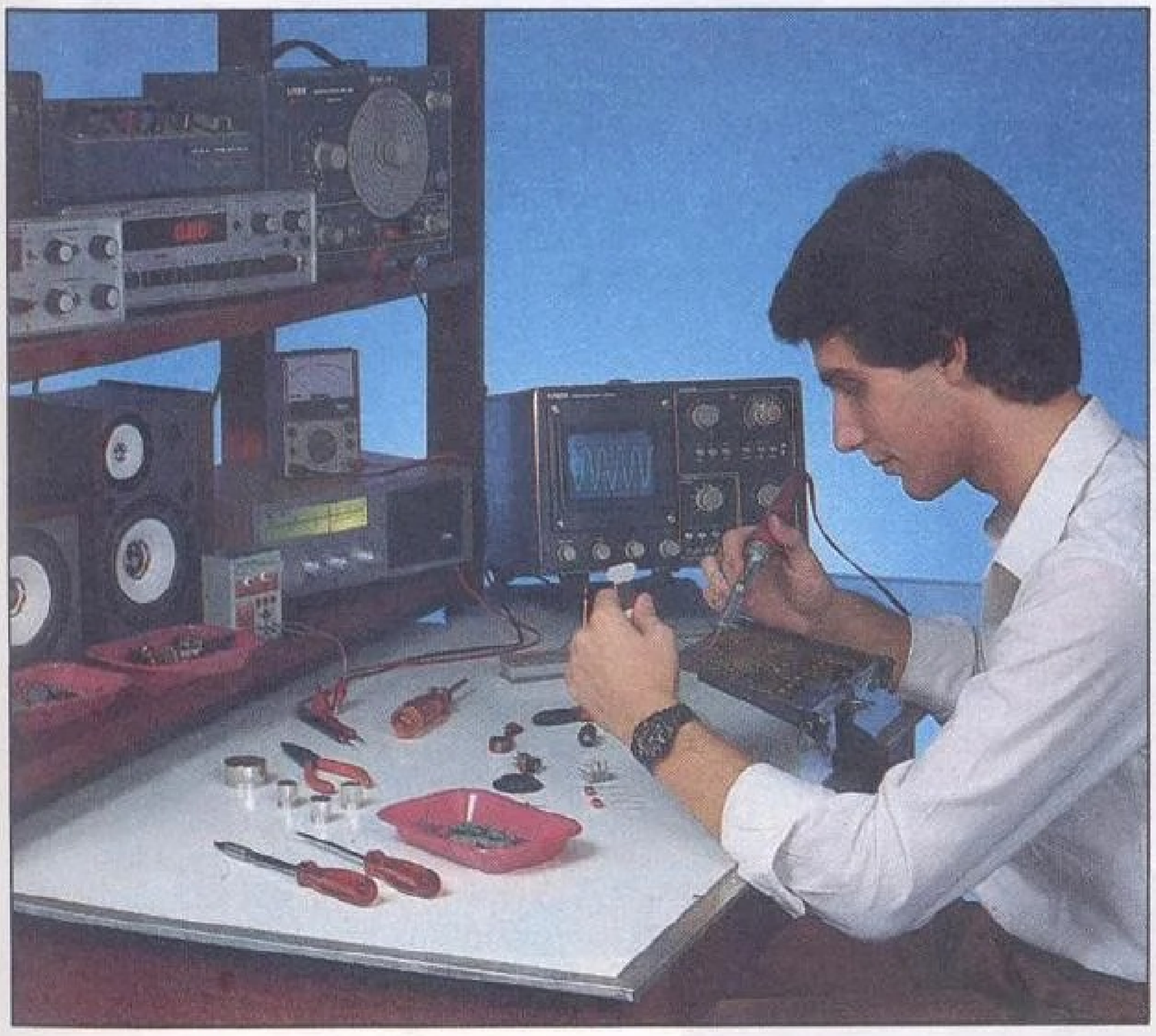
No intervalo, Orlando Fantoni troca Ramón por Paulinho, mas o Flamengo continua com o domínio da situação. Carpegiani reina absoluto no meio-campo. Toninho parece mais ousado, vai ajudar o ataque e deixa Paulinho à vontade. O zagueiro Rondinelli faz perfeita cobertura e, com Manguito, ainda dá conta de Roberto. Coutinho troca Cléber por Eli Carlos. O Flamengo é todo pressão na área do Vasco. Aos 38, Tita perde gol em outra intervenção milagrosa de Leão.

Agora, faltam 4 minutos para terminar o jogo. Alguns dos 120 000 pagantes começam a deixar a arquibancada quando acontece um escanteio. Zico cobra. A bola vem alta, os zagueiros não alcançam e, de repente, surge Rondinelli, que salta mais que todos e fulmina Leão com uma cabeçada indefensável no canto direito. Enquanto a torcida flamenguista comemora o gol e o título, confusão na área vascaína: Guina agride Zico, que reage aos bofetões. O sangue escorre dos dois jogadores. Wright os expulsa. Zico e a torcida terminam o jogo de alma lavada.

Rondinelli é o grande herói. Naquele gol histórico nascia o mito do Deus da Raça.

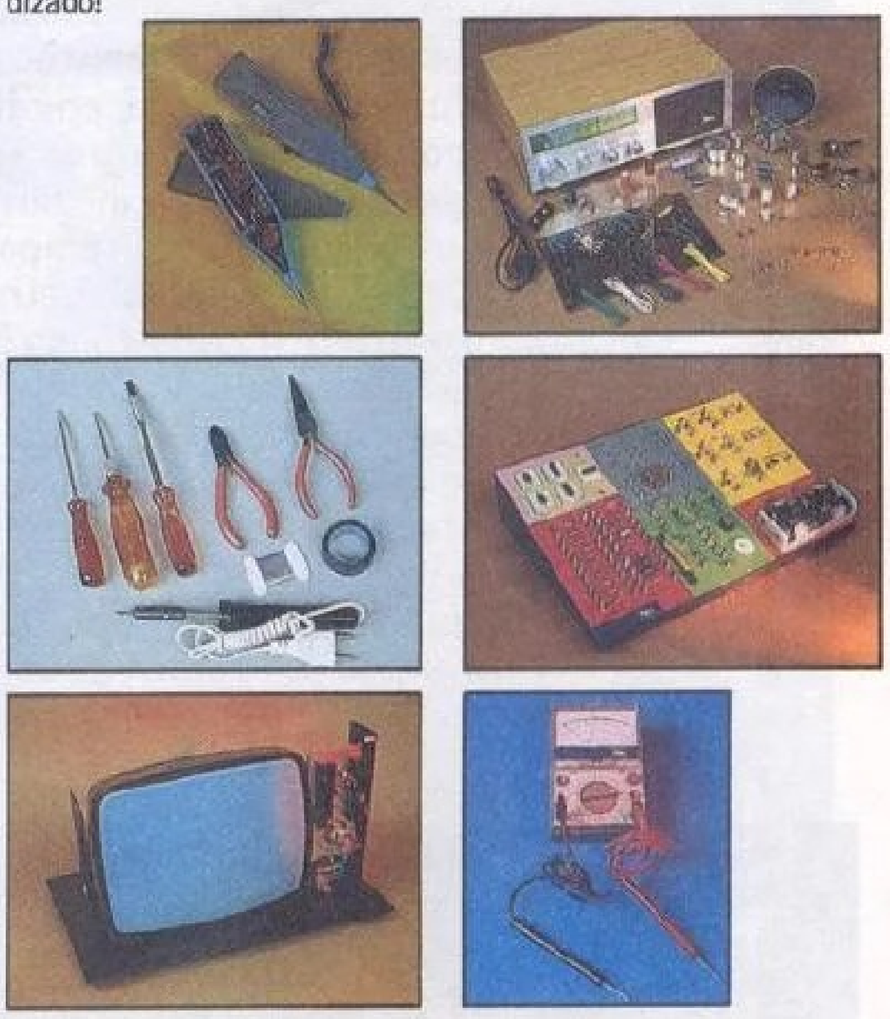
ELETRÔNICA

"Classe A"



Aprenda montando Kits!

Você aprenderá Eletrônica através da montagem de diversos aparelhos, que serão fornecidos gratuitamente em forma de Kits. E você sabe que a prática é indispensável para o seu aprendizado!



Até hoje, você tinha duas maneiras de ter um curso avançado de eletrônica: ou importando livros e revistas ou fazendo um curso no Exterior.

Agora, começou uma nova fase, uma nova era, para os que exigem qualidade e são amantes da eletrônica avançada.

Agora, tudo o que você aprenderia nos melhores centros, você aprende pelo ITEC — Instituto Transistor de Eletrônica Classe "A".

No ITEC, não há demoras, conversas fiadas ou dificuldades. Seu sistema de ensino — a montagem de Kits, proporciona a prática constante, como uma comprovação das teorias dos livros.

E os Kits são de aparelhos modernos, úteis, práticos e funcionais.

No ITEC, você não precisará sair de casa para estudar. Você receberá as lições e os Kits através do Correio; escolherá as horas de folga ou de conveniência; e será acompanhado por professores e engenheiros especializados no ensino à distância.

Assim, empregando a prática constante, o ITEC lhe dará conhecimentos de uma avançada tecnologia, abrindo novos horizontes e novas possibilidades para seu progresso pessoal e profissional.

Veja bem: estudar eletrônica, é possível em muitos lugares. Mas, Eletrônica Classe "A", somente no ITEC.

itec **Instituto Transistor de Eletrônica Classe "A"**

O jeito simples e fácil de aprender tecnologia de vanguarda, sem sair de casa, sem se prender a horários.

MANDE SEU CUPOM AINDA HOJE, SOLICITANDO INFORMAÇÕES!

itec Instituto Transistor de Eletrônica Classe "A" PL / P 13
Avenida Rio Branco, 781
Caixa Postal 1675 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o Curso de Eletrônica Classe "A" por correspondência.

Nome .....
Rua ..... Nº .....
CEP ..... Bairro ..... Cx. Postal .....
Cidade ..... Estado .....

itec Instituto Transistor de Eletrônica Classe "A" PL / P 13
Avenida Rio Branco, 781
Caixa Postal 1675 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o Curso de Eletrônica Classe "A" por correspondência.

Nome .....
Rua ..... Nº .....
CEP ..... Bairro ..... Cx. Postal .....
Cidade ..... Estado .....

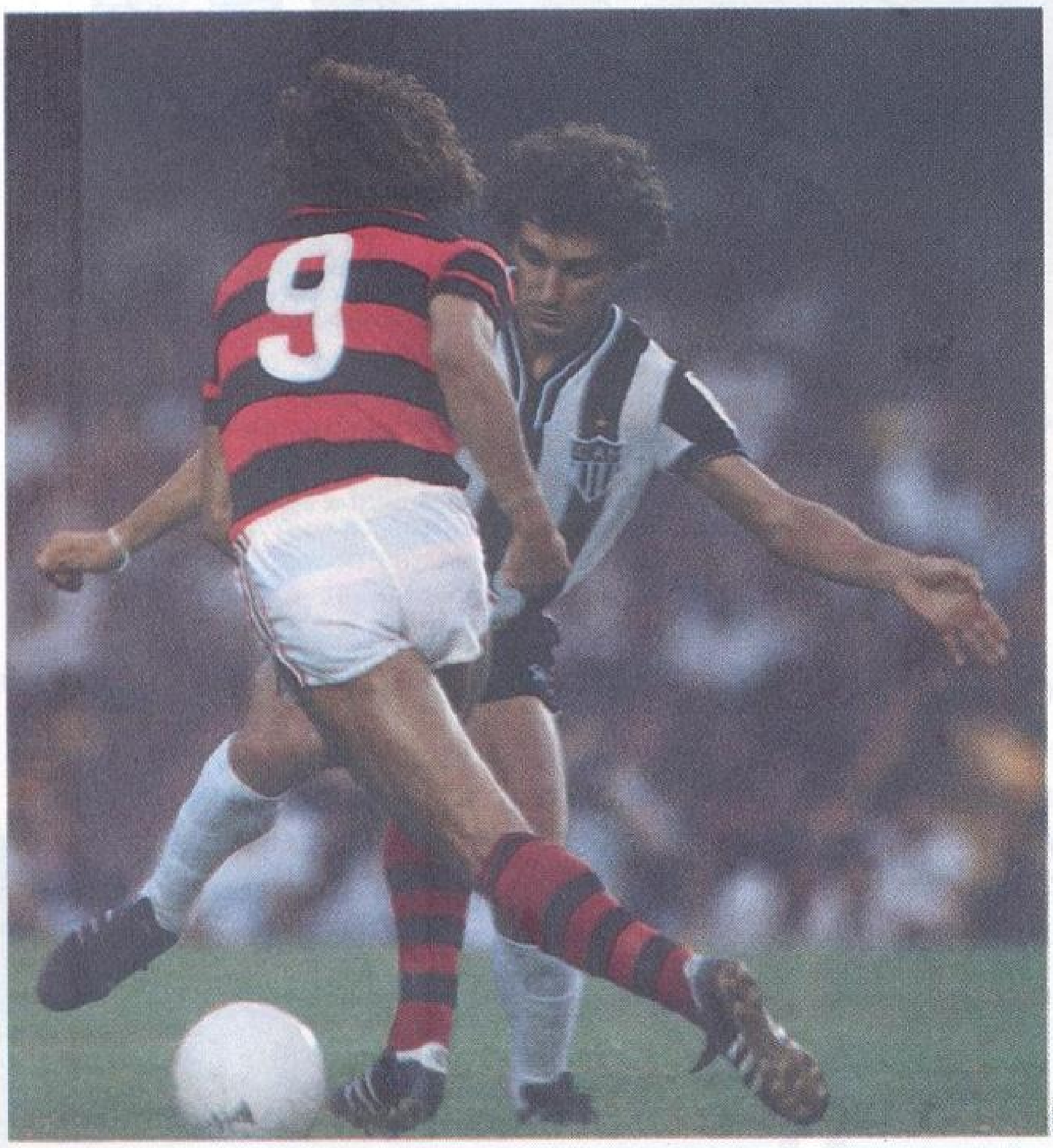
Sufocado por tantos beijos e abraços de dirigentes e torcedores, o centroavante Nunes teve de contar dezenas de vezes a jogada: "Recebi o passe do Andrade na intermediária, caí pela esquerda e, já na área do João Leite, fingi que iria tocar para o meio. Então fugi para o fundo, enganando o Silvestre. O goleiro saiu e mesmo sem ângulo bati entre ele e a trave". Gol do Flamengo, aos 36 minutos do segundo tempo — e o primeiro título de campeão brasileiro, em 1980, 3 x 2 sobre o Atlético Mineiro, no Maracanã.

O jogo começa duro. Chicão não dá folga a Zico, mas o Fla é quem toma a iniciativa do ataque, avançando em bloco, impondo o toque de bola. O Atlético, recuado, espera pela oportunidade de dar o bote, num contra-ataque com Reinaldo e Éder, mas Palhinha e Cerezo não conseguem arrumar espaço para os lançamentos. Por isso o zagueiro-central Osmar tenta sair jogando — mas a bola lhe é roubada por Andrade, que toca a Zico, que passa para Nunes. Chute forte e indefensável, Flamengo 1 x 0 aos 6 minutos de jogo.

Mas o Atlético não estava morto. E prova isso na saída: Éder recebe na ponta-esquerda e toca para Cerezo, Reinaldo pede na área, dribla Manguito pela meia-esquerda, fica quase sem ângulo mas chuta entre Raul e a trave. Aos 7 minutos, o empate. Apesar do choque, a galera rubro-negra não silencia, empurra o time para a frente com seu hino. O Atlético se encolhe, apenas Reinaldo fica na frente, à espera de um lançamento, um descuido dos zagueiros Manguito e Marinho. Quando tem a bola nos pés, o centroavante mineiro é um pesadelo, assusta Raul em duas jogadas.

O Flamengo joga praticamente no campo do Atlético, Júnior e Toninho tabelam e a bola sobra limpa para Zico. Desconsolado, João Leite vai buscar no fundo das redes, aos 44 minutos do primeiro tempo. A torcida, exigente, quer mais. Tingido de vermelho e preto, o Maracanã empurra a equipe. Reinaldo sofre distensão muscular mas não sai de campo: fica ali na ponta-direita, mancando. Sentindo o inimigo enfraquecido, o Fla se descuida: um cruzamento de Éder e o próprio Reinaldo, de pé direito — a perna contundida —, chuta e marca. Aos 20 minutos, 2 x 2. Pouco depois ele sairia, expulso por xingar o árbitro José de Assis Aragão.

Com a defesa aliviada, o Flamengo cresce. Tita e Júlio César forçam as jogadas pelas pontas. E vem então o gol histórico de Nunes, gol de raiva e alegria. Depois, Chicão agride Tita, é expulso. Palhinha xinga o juiz e sai atrás. Pedrinho quase empata, mas chuta errado. O grito de campeão só sai da garganta da torcida quando soa o apito final. A festa começou ali — e só terminaria com a conquista da Libertadores e do Mundial de Clubes, em 1981.



ABRIL

Nunes decidiu o jogo no Campeonato Brasileiro

Os heróis do segundo tricampeonato do Flamengo, comandados pelo talento de Dida

A DECISÃO do campeonato de 1955, que para o Flamengo valia o tri, foi em melhor-de-três com o América. Depois de ganhar a primeira partida (por 1 x 0) e perder a segunda (terríveis 5 x 1), o Fla chegou tenso à final, dia 4 de abril de 1956. E com gente nova no time: Servílio em lugar de Jadir e Dida, artilheiro dos aspirantes, na vaga de Índio, que fora expulso no jogo anterior.

O Fla entrou de calções negros, em homenagem ao falecido presidente Gilberto Cardoso. O juiz era o implacável Mário Vianna e na tribuna de honra estava o presidente Juscelino Kubitschek. No início, equilíbrio: os dois ataques perdendo boas oportunidades e as torcidas sofrendo a cada defesa do americano Pompéia e do rubro-negro Chamorro. Mas o ponta-direita Joel começou a ser mais acionado e o Flamengo aumentou o ritmo. Dida, endiabrado, distribuía dribles desconcertantes. Pompéia, em grande dia, pegava tudo. Parecia voar.

O zagueiro Édson só conseguia parar Dida a pontapés. O troco foi dado no argentino Alarcon. Aos 14 minutos, Joel acertou a trave, Zagalo pega o rebote e toca para o peito de Dida, que rola a bola para o chute indefensável de Duca. Explosão de alegria no Maracanã, Kubitschek aplaude de pé.

O América resistiu à pressão do "rolo compressor", explorando os contra-ataques. E o Fla, que passara da garra à fúria em busca do segundo gol, descuidou-se. Romeiro vence o zagueiro Pavão e serve ao ponta-esquerda Ferreira: Chamorro está batido, mas a bola se aninha no peito de Jordan, em cima da risca, e o lateral-esquerdo sai jogando. A torcida delira. Aos 42 minutos, Dequinha lança Evaristo, que joga de primeira sobre a área, Dida cabeceia, Pompéia rebate fraco, ele mesmo completa. A galera exige goleada, quer forra dos 5 x 1. Alarcon não volta para o segundo tempo, o América distribui pontapés. E faz 2 x 1, numa falha de Servílio.

Mais equilibrado, o jogo se torna ainda mais emocionante. Evaristo finta Édson, dribla Osvaldinho, chuta, o rebote sobra para Dida fazer 3 x 1. O ataque rubro-negro endoida a defesa americana. Bola de Pavão na trave, a sobra é de Evaristo que rola para Dida fechar o marcador, aos 44 minutos. A torcida invade o gramado para comemorar o tri e carregar seu novo ídolo: Dida, herói da decisão, só seria superado como goleador rubro-negro por Zico.

ABRIL

Os heróis do primeiro tricampeonato do Flamengo, comandados por mestre Ziza

QUEM FALA é um dos heróis do tricampeonato de 1944, Thomaz Soares da Silva — o Zizinho, Mestre Ziza: "Aquele título foi uma verdadeira epopéia de paixão e garra. O Vasco tinha melhor time, mas nós nos superamos por amor à camisa".

De fato. Na escaldante tarde de 29 de outubro, o pequeno Estádio da Gávea, lotado por mais de 20 000 pessoas, fervilhava. Sem Leônidas, que fora para o São Paulo, Domingos da Guia, que aceitara a melhor oferta do Corinthians, e Perácio, que seguira com a Força Expedicionária Brasileira para a guerra na Itália, o Flamengo não era mais o time forte e seguro de si do início do campeonato. Para piorar o drama rubro-negro, o ponta-direita Jaci se machucara dias antes e o técnico Flávio Costa tivera que recorrer ao argentino Valido, que com seus 42 anos ainda jogava peladas na Praia de Copacabana. Valido aceitou o desafio e prometeu entrar em forma durante a semana. Mas, infelizmente, contraiu uma forte gripe — e, como ele, o veterano Pirilo, sofrendo com uma orquite (inflamação nos testículos), era dúvida.

Enquanto isso, no Vasco, o treinador Ondino Vieira começava a montar o que se transformaria no famoso "Expresso da Vitória": o trio Lelé, Isaías e Jair da Rosa Pinto enchia a torcida de alegria, Ademir Menezes metia gols em todos os jogos e Djalma surgia como o primeiro curinga do futebol brasileiro.

Os dois times chegaram à rodada final com oito pontos perdidos cada um. Muita gente torcia por uma melhor-de-três e, quando o jogo começou — Valido e Pirilo em campo —, o Vasco mostrou suas garras em dois ataques perigosos de Ademir e Isaías. Mas o Flamengo também estava mordendo e o maior homem em campo era Zizinho, coordenando as jogadas, gritando e levando o time à frente. Barqueta, o goleiro vascaíno, tinha sua área rondada constantemente, mas tranqüilizava a torcida com saídas oportunas do gol. Os vascaínos, cujo ataque era anulado pelas defesas firmes de Jurandir, pareciam conformados com a necessidade de mais um jogo. Os rubro-negros não desistiam. Faltavam 4 minutos para o encerramento do jogo quando o ponta-esquerda Vevé, ao tentar fazer um lançamento para Valido, foi derrubado por Djalma. Vevé mesmo cobrou a falta, a defesa rebateu e a bola voltou para ele, que desta vez serviu Valido.

O argentino subiu em direção ao cruzamento, apoiando-se nas costas do zagueiro Argemiro e desferindo uma cabeçada fulminante. Gol. Um gol que entraria para a história ao garantir o primeiro tricampeonato. Gol amaldiçoado pelos vascaínos, que viram falta de Valido sobre Argemiro. Gol que Zizinho não esqueceu nunca: "O choro vascaíno tornou ainda mais emocionante a conquista". □

Revelado! O espantoso segredo do célebre e simpático Caçulinha.

Agora! Use gratuitamente a Cruz de Ágades durante 30 dias...

e verifique se com você, essa extraordinária história pode se repetir.
Caso contrário, você terá 30 dias para devolvê-la para em seguida
RECEBER SEU DINHEIRO DE VOLTA!

Até completar 20 anos, nada de extraordinário havia me acontecido. Parei logo os meus estudos e minha família não era rica. Além do mais eu não ambicionava grandes coisas na vida. Um dia, um amigo voltando de uma viagem na França trouxe-me um presente de lá:

Uma corrente com uma pequena Cruz em pingente.

Ele explicou-me que se tratava da verdadeira **Cruz de Ágades,** conhecida há vários séculos por possuir misteriosos poderes. No início, não dei muita importância ao que ele me dizia, mas comecei assim mesmo a usar a Cruz, por esta ser muito bonita.
15 dias após, tive uma incrível e inesperada sorte: ganhei o primeiro prêmio na Loteria Federal!
E meu amigo me disse: "Você está vendo, é a Cruz de Ágades que está te dando sorte!"

15 dias após ter usado a Cruz de Ágades, ganhei o primeiro prêmio na Loteria Federal... e um mês depois voltei a ganhar novamente. Há mais de 20 anos que a uso e não quero mais separar-me dela por um instante sequer.

Eu pensei que fosse apenas uma coincidência.

Mas, eis que um mês depois, por incrível que pareça, voltei a ganhar!
Eu não tinha a mínima dúvida.
Desde então a sorte não mais me abandonou, e toda a minha vida foi se transformando; criei meu regional e a partir daí só me apresentei com artistas de gabarito; Elis Regina, Roberto Carlos, Elizeth Cardoso, enfim todos os maiores astros de nossa música popular.
Já me apresentei nos Estados Unidos, México, França, Espanha, etc, etc.
Agora vocês podem entender porque a Cruz de Ágades é o meu maior tesouro. A tenho sempre comigo, e por nada no mundo me separaria dela.

Nos dias de hoje ninguém mais acredita nessas lendas, ou será que acredita?

O que é certo, é que na República da Nigéria, ao longo de uma antiga pista de caravanas, em meio ao Sahara, o Oásis de Ágades continua esplendorosamente verde sob causticante sol, pouco mudado desde a época onde Askia controlava um vasto reinado estendendo-se do deserto ao mar.
É igualmente certo que, desde tempos imemoriáveis, milhões de pessoas atribuem a determinadas substâncias ou talismãs, o poder de modificar os destinos daqueles que os usam em contato com a pele, o poder de trazer-lhes saúde, FELICIDADE, SORTE, SUCESSO!
Embora não se saiba como a autêntica **Cruz de Ágades** foi pela primeira vez copiada e introduzida na Europa por contrabandistas, sabe-se que Ágades fazia parte do Império Francês da África nos séculos 18 e 19, e que hoje na França, milhares de mulheres e homens usam a mesma **Cruz de Ágades** (sempre em contato com a pele)!
Hoje em dia acredita-se que são as curiosas formas e esculturas desta magnífica peça de joalheria que modificam magnetismo do corpo humano - fazendo com que o magnetismo positivo seja capaz de repelir as ondas desfavoráveis e negativas, atraindo unicamente as ondas benéficas ao portador da Cruz.
Sem dúvida, todos nós já notamos a atração magnética exercida pelas pessoas de sucesso, que são felizes, têm sorte e bem estar.

Era uma vez, sob o reino de Askia o grande, Sultão de Songhai; um pobre condutor de camelos chamado Ahmed.
Um dia, o poderoso soberano, descontente de Ahmed, o expulsou de Oásis, condenando-o a morrer no deserto.
Quando, castigado sob o sol intenso do deserto, Ahmed estava quase morrendo, um beduíno apareceu com a intenção de roubá-lo.
No exato momento em que o punhal do ladrão ia atingi-lo, Ahmed agarrou-o pelo pescoço quebrando uma corrente na qual pendia uma cruz de prata estranhamente esculpida.
Instantaneamente, o beduíno empalideceu, titubeou e caiu fulminado.

Ainda surpreso pela incrível sorte que acabara de salvar-lhe a vida, Ahmed pendurou a cruz em seu próprio pescoço.
Enquanto isso, o camelo do beduíno aproximou-se e ajoelhou-se.
Uma vez em seu dorso, Ahmed foi conduzido pelo camelo a uma caverna perto de Ágades.
Ali chegando, Ahmed não acreditou no que viu; jóias, especiarias e ouro, provenientes de centenas de caravanas saqueadas.
A partir deste instante, ele e seus descendentes - para os quais Ahmed havia esculpido cópias de sua Cruz - viveram felizes a vida inteira, cercados de felicidade, fortuna e saúde.

A autêntica Cruz

Certificamos que trata-se da verdadeira **Cruz de Ágades,** em todos os detalhes, tal qual foi descrita nas lendas orientais.
Não damos, entretanto, certificado de seu poder de transformar destinos, curar doenças ou dar felicidade a quem quer que seja. Mas, veja a oferta sem risco algum que nós lhe oferecemos:
Use-a como uma belíssima peça de joalheria - delicadamente esculpida e banhada à sua escolha em ouro ou prata. Verifique os resultados.
A **Cruz de Ágades** em contato direto com a pele deve satisfazê-la(o) totalmente.
Caso contrário, você tem 30 dias para devolvê-la, para em seguida ser totalmente reembolsada(o), (menos as despesas postais e de reembolso). Isto, sem condições e sem perguntas. Não há pois, risco algum. Envie o cupom abaixo HOJE MESMO.

Atenção: Apenas um pequeno número de **Cruzes de Ágades** foi confeccionado. Mande o cupom rapidamente a fim de poder receber a sua.

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor (**Divisão O.G.P. do Brasil**)
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP

CUPOM PARA UM TESTE GRATUITO

sem nenhum compromisso, a ser enviado ao PL / P 13

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor
(Divisão O.G.P. do Brasil)
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP.

□ SIM, esta oferta de teste gratuito me interessa, e fica entendido que:
1 - Poderei usar a legendária Cruz de Ágades durante 30 dias sem nenhum compromisso ou obrigação.
2 - Se eu não estiver 100% entusiasmada(o), poderei devolvê-la antes de 45 dias e terei de volta todo o meu dinheiro (menos as despesas postais ou de reembolso). Isto sem condições nem perguntas.

Sob estas garantias, queiram me enviar em embalagem discreta e sem marcas externas:

□ . . . . . Cruzes) de Ágades **banhada a prata** por Cr$ 28.980,00 mais Cr$ 2.000,00 para as despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 30.980,00.

□ . . . . Cruz(es) de Ágades **banhada a ouro** por Cr$ 29.980,00 mais Cr$ 2.000,00 para as despesas postais, ou seja, um total de Cr$ 31.980,00.

□ Prefiro pagar a(s) Cruz(es) de Ágades ao recebê-la no correio de meu bairro ou cidade com um acréscimo de Cr$ 4.000,00 para as despesas postais e de reembolso.

(não esqueça de assinalar ouro ou prata)

NOME .....

ENDEREÇO .....

CIDADE .....

CEP ..... ESTADO .....

MARCADOS PARA VENCER

Poucas vezes um só time teve tantos craques. Como se não bastasse, boa parte deles foi feita em casa. Diga lá: qual foi o maior?

Se houvesse gratidão, o Flamengo deveria erguer um busto para o técnico Costa Velho, do América de outrora. Sem querer, este técnico deu de bandeja dois craques históricos ao Flamengo. Primeiro recusou Biguá, porque era baixinho. Depois, não aceitou Zizinho, porque era franzino. Biguá foi direto para o Flamengo. Zizinho ainda deu uma passada no São Cristóvão, mas também acabou baixando na Gávea.

Para chegar ao sucesso, Zizinho precisou apenas atravessar a Baía de Guanabara com o amigo e conselheiro Clóvis Nunes, pai daquele que se tornaria outra glória do Flamengo e do futebol mundial, Gerson. Thomaz Soares da Silva, que nasceu em São Gonçalo, a 14 de setembro de 1912, estava certo de que iria fazer carreira no América, mas, já que o técnico não curtiu o garoto, lá estava ele esperando uma chance no Flamengo.

O treino ia correndo. De repente, Leônidas se contundiu e Flávio Costa gritou: "O senhor aí, de cabelo gomado, tem 10 minutos para mostrar o que sabe". Foi o suficiente. Flávio Costa ficou encantado. Zizinho assinou contrato e estreou no time principal num amistoso contra o Independiente, da Argentina, em São Januário. O Flamengo perdeu o jogo, mas no outro dia não se falava de outra coisa na cidade: nasce um craque! Zizinho pegou o lugar deixado por Waldemar de Brito, que nos anos 50 iria descobrir um garoto chamado Pelé.

Zizinho jogava com alma, coração e picardia. Teve um jogo em que o Flamengo perdia para o Botafogo por 2 x 0. No intervalo, Flávio Costa pediu mais fibra. Zizinho voltou com a macaca. A primeira providência foi plantar as travas de sua chuteira na canela do feroz Nariz. A coragem dele contagiou o time, que deu a virada: 3 x 2. Um outro caso foi trágico: num jogo entre cariocas e paulistas, Agostinho entrou para rachar e Zizinho foi mais rápido, inutilizando-o para o futebol. Zizinho foi condenado a dois meses de prisão mas acabou sendo beneficiado com o sursis. Em outra ocasião, Adauto, do Bangu, quebrou a perna de Zizinho, que ficou um ano sem jogar.

Com ele, o Flamengo ganhou o tricampeonato em 1942, 43 e 44, e outras tantas alegrias. Por isso nunca perdoou o presidente Dario de Melo Pinto que o vendeu ao Bangu antes da Copa de 1950, da qual Zizinho saiu consagrado, apesar da derrota do Brasil na final. Entre outros elogios, o seguinte comentário do jornalista inglês Willy Meisl, do semanário *World Sports:* "Não se trata apenas de um craque. Este é um gênio, um homem que possui todas as qualidades que podem ser idealizadas para um profissional chegar mais perto da perfeição". Ele também foi um exemplo de longevidade: ajudou o São Paulo a ganhar mais um título, o de 1957.

FOTOS ABRIL

Zizinho: alma e picardia

Zico foi o maior goleador de todos os tempos do Flamengo. Ele chegou ao clube pelas mãos do radialista Celso Garcia, em 1967. Era evidente que tinha talento, mas precisava submeter-se a um rigoroso tratamento para crescer e criar músculos, como observou o técnico Fleitas Solich, que acompanhava com atenção a campanha que levou o Flamengo ao bicampeonato de juvenis em 1972 e 73. Mais uma vez, o técnico não se enganou.

Nascido a 3 de março de 1953, em Quintino, subúrbio da Central do Brasil, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, sacou as artes e malandragens do futebol nas peladas que batia junto com os irmãos Edu, Nando e Antunes, que depois também jogariam em grandes clubes brasileiros. Assim, não se deixou abater ao ser desligado da Seleção Olímpica que foi a Munique, em 1972: "Foi um estímulo. Sinto que ainda vou ser alguém no futebol, um vitorioso".

Isso ficou claro no Campeonato Carioca de 1974, o primeiro em que ele jogou como titular, sagrando-se campeão com 46 gols. Dois anos depois, Quintino festejava com a família Antunes a vitoriosa estréia de seu filho mais ilustre na Seleção Brasileira. Zico, cobrando uma falta, uma de suas especialidades, liquidou a Seleção Uruguaia (2 x 1), em Montevidéu, pela Taça Atlântica.

Naquele mesmo ano, pelo Flamengo, ele foi campeão do torneio comemorativo do bicentenário da Independência dos Estados Unidos. A partir daí, uma emboladada de títulos.

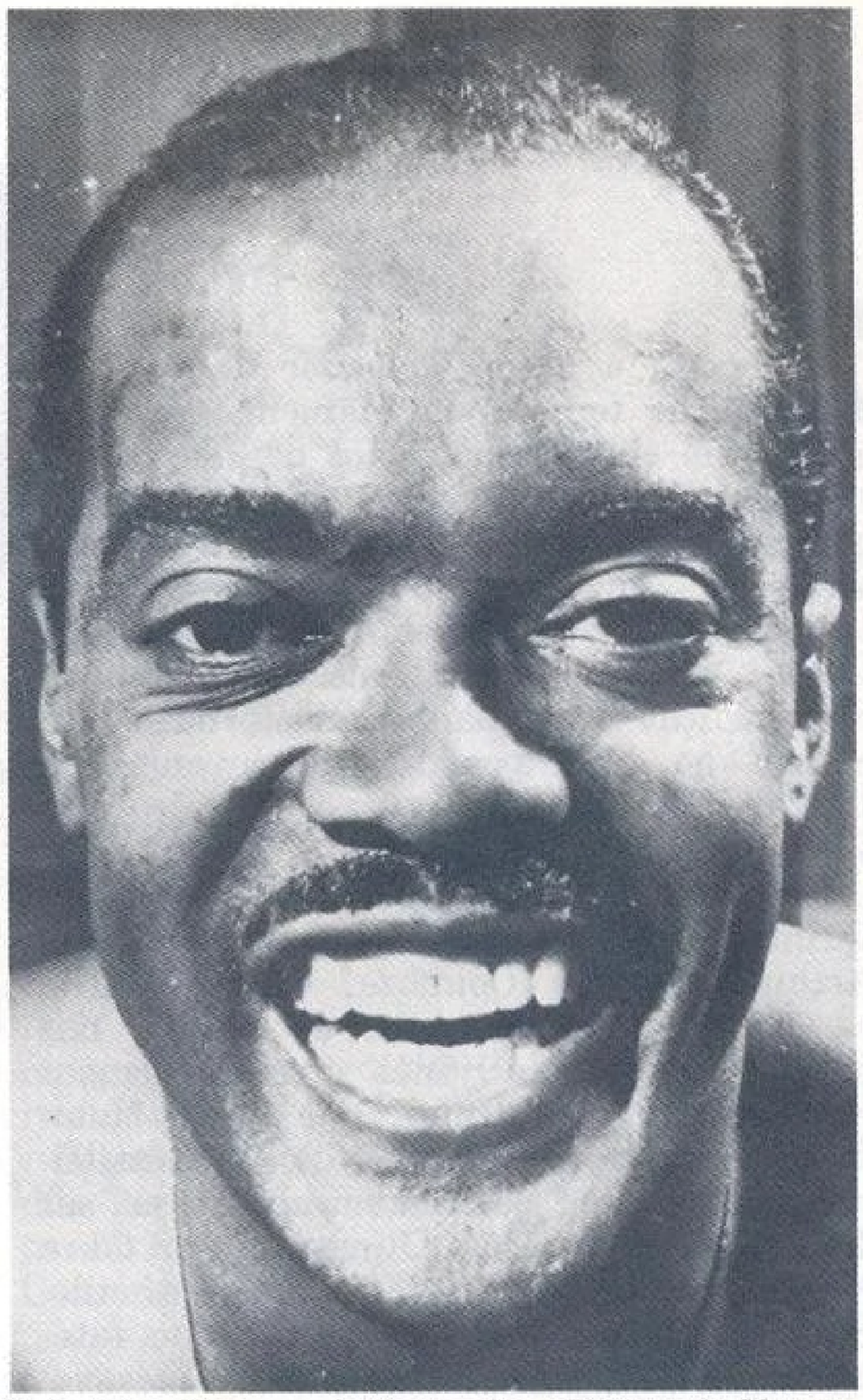
Jogou pela Seleção Brasileira nas Copas de 1978 e 82, mas garante que não vai perder a de 1986, no México: "Ainda sonho ser campeão". Vendido em junho de 1983, por 4 milhões de dólares, à Udinese, da Itália, deixou a Gávea com o total de 623 gols em toda a sua carreira no futebol brasileiro. Em dez anos no time titular do Flamengo, só quatro vezes não foi artilheiro do Campeonato Carioca — dividiu em 1978 com Cláudio Adão, seu companheiro de ataque no Flamengo. Em 1979, bateu o recorde de maior artilheiro do Campeonato Carioca, com 34 gols. Pela Seleção Brasileira, fez 56 gols em 74 jogos. Em 1980, foi o artilheiro isolado do Campeonato Brasileiro com 21 bolas no fundo da rede.

Zico: foi para a Itália deixando 623 gols

No final da década de 30, Leônidas da Silva, o Diamante Negro, era o campeão absoluto de popularidade no país. Mas, antes da consagração definitiva no Flamengo, Leônidas passou por outros clubes. Sua saída do Botafogo para o Flamengo envolve uma história cavernosa de preconceito. Embora tivesse conquistado o Campeonato Carioca de 1934 com Leônidas no comando do ataque, os dirigentes do clube, menos Carlito Rocha, não queriam um negro no time. Azar do Botafogo.

Nascido a 6 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro, Leônidas voltou coberto de glória da Copa de 1938. Foi o artilheiro, com sete gols, e o jogador mais badalado pela imprensa mundial, que o chamava de "Homem de Borracha" e "Rei da Bicicleta". Assim que voltou, uma fábrica de chocolate se apressou em homenageá-lo lançando o chocolate Diamante Negro.

A popularidade dele cresceu ainda mais quando o Flamengo conquistou o Campeonato Carioca de 1939. Mas chegou o dia que a grana falou mais alto e ele não teve dúvida em se transferir, em 1942, para o São Paulo, onde jogou até o fim de sua carreira, em 1950.



Leônidas: Homem de Borracha e Diamante Negro

AS MODAS QUE O FLAMENGO CRIOU

Escolhidas as cores azul e ouro, decidiu-se que o uniforme dos remadores seria assim: camisetas de listras horizontais com essas cores, bonés pretos, calças de linho branco — calção branco nas regatas —, cinto e sapatos de lona brancos com sola de borracha preta, para dar harmonia ao conjunto.

Os uniformes, vindos da Inglaterra, desbotavam com facilidade por causa do sol e do sal.

Mudou-se, então, para camisa listrada em preto e vermelho com gola alta, cinto branco de lona, meias pretas e casquete branco.

Com a criação do Departamento de Futebol, foi sugerido que as camisas do time fossem iguais. Mas os remadores foram contra. Tudo bem: mandaram fazer uma camisa toda quadriculada, parecida com um tabuleiro de damas, que ficou conhecida como Papagaio-de-Vintém e também ganhou a fama de dar azar. Mudaram para a Cobra Coral, igual à dos remadores, mas com um friso branco entre o vermelho e o preto.

O friso branco acabou sendo retirado pois a camisa era muito parecida com a bandeira alemã, na época da Primeira Guerra Mundial. Desta vez, os remadores não chiaram.

O segundo uniforme, de camisa branca, foi adotado por sugestão do treinador húngaro Dori Kruschner, "para melhor visão de jogo à noite". Em 1979, diminuiu-se o número de listras — cinco de cada; a branca ganhou faixas rubro-negras mais largas, com o escudo do clube no centro. Nelas, foram colocadas também três estrelas: os três tricampeonatos do Flamengo.

Aos 18 anos estreou na Seleção Brasileira. Aos 20, era chamado de mestre (ou melhor: El Divino Mestre) pelos jornalistas uruguaios, encantados com suas exibições no Nacional, de Montevidéu. Ninguém duvidava de que aquele garoto com nome e sobrenome de craque, Domingos da Guia, nascido em 19 de novembro de 1912 e criado em Bangu, merecia toda aquela reverência.

Foi no time do Bangu que morreu um *center-half* (na época não existia apoiador) e nasceu o mais famoso zagueiro brasileiro de todos os tempos. O técnico Sá Pinto decidiu. Domingos ainda tentou argumentar que não dava para a posição, mas Sá Pinto garantiu que era só por um jogo. Qual o que: Domingos firmou-se e, em 1929, estava jogando pela Seleção Brasileira. Depois, transferiu-se para o Vasco, mas, como tinha que cumprir estágio de um ano, foi emprestado ao Nacional de Montevidéu, onde ganhou o título uruguaio.

Voltou ao Vasco, ganhou o Campeonato Carioca de 1934 e, no ano seguinte, passou a jogar no Boca Juniors, de Buenos Aires. Ali cresceu sua fama, mas houve um incidente com um juiz, que deu em suspensão por dois meses. Bangu, América e Fluminense queriam contratá-lo, mas Domingos preferiu o Flamengo. Terminado o empréstimo, voltou ao Boca Juniors por muito pouco tempo, porque se desentendeu com a diretoria do clube e, em fins de 1937, estava de vez na Gávea.

Os outros clubes que perdoem, mas a fase mais brilhante de Domingos da Guia foi mesmo no Flamengo. Jogando ao lado do irmão, além de Valido, Sá, Leônidas, Jarbas e Alfredo González, sabe o diabo o que ele fazia. Estava na zaga quando o Brasil ficou com o terceiro lugar na Copa de 1938, a melhor classificação obtida pela nossa Seleção até então. E, em 1939, quebrando três títulos seguidos do Fluminense, tornou-se campeão carioca. Depois, veio a campanha do tricampeonato. Pena, para os flamenguistas, que um dia ele se tenha transferido para o Corinthians, após uma briga com a diretoria do clube, encerrando uma feliz convivência de sete anos. Já era uma lenda. Diziam que não se mexia quando o adversário avançava com a bola. Mas o atacante passava e a bola ficava em seus pés. Quando lhe perguntavam o segredo, respondia:

"Eu vou pelo atalho". ▷

FOTOS ABRIL

Domingos da Guia: nome e sobrenome de craque

FOTOS ABRIL

Jurandir: bicampeão brasileiro, tri carioca

ELEGANTE, seguro, vaidoso e eficiente, o paulista Jurandir Correia dos Santos foi um dos grandes ídolos do Flamengo nos anos 40. Quem o trouxe para a Gávea foi o técnico Flávio Costa, que o convidou para um período de treinamento no início de 1942 — o encontro foi em São Paulo, onde o Flamengo fora disputar um amistoso contra o Corinthians.

Goleiro de categoria, Jurandir não demorou a tomar a posição do instável e temperamental Iustrich. Se Zizinho e Pirilo se destacavam criando e marcando gols, Jurandir e Domingos da Guia eram sempre os melhores da defesa na campanha do tricampeonato. Por suas brilhantes atuações, Jurandir passou a dividir com Batatais, do Fluminense, o gol da Seleção Carioca, conquistando um bicampeonato brasileiro.

Nascido em São Paulo, em 26 de abril de 1913, Jurandir começou sua carreira no infantil do Tiradentes Futebol Clube, da capital. Passou para os juvenis, nos quais, em 1927, foi considerado o melhor jogador da categoria, o que lhe valeu a transferência para um clube mais forte, o Salvador, onde ficou até 1932. Virou profissional no São Bento e suas excelentes atuações o levaram à Seleção Paulista em menos de um mês, para a disputa do Campeonato Brasileiro.

O Fluminense o contratou em 1934, mas o goleiro não se adaptou ao time e voltou ao São Paulo no mesmo ano. Daí passou para o Palestra Itália, conquistando os títulos de 1935, 36 e 38. Em 1937, foi para a Seleção Brasileira disputar o Sul-Americano, em Buenos Aires, tornando-se no grande nome da final. Fez defesas incríveis nos 90 minutos e na prorrogação, mas não evitou a derrota por 1 x 0. De qualquer forma, garantiu o interesse dos clubes argentinos: em 1939 foi contratado pelo Ferro Carril Oeste, de Buenos Aires, onde ficou por duas temporadas.

Voltou a São Paulo, para jogar três meses na Portuguesa Santista, e só não ficou porque seu passe era alto demais. Optou pelo Gimnasia y Esgrima, mas se desentendeu com os dirigentes e ficou marginalizado nos últimos quatro meses de 1941. Antes de acertar com o Flamengo, chegou a treinar no Vasco. Infelizmente, não estava em forma e foi dispensado, para sorte do Flamengo, que o contratou para ganhar o tricampeonato, entre outros títulos que ele ajudou os rubro-negros a conquistar. No Flamengo ou na Seleção Brasileira, ele foi, sem dúvida, um dos maiores goleiros do país.

Biguá: baixinho, de elasticidade fora do comum

O TÉCNICO Costa Velho, do América, mediu com os olhos aquele baixinho, candidato a zagueiro, e decretou: "Não dá". Assim, Moacir Cordeiro, o Biguá, tentou a Gávea, em 1941. Primeiro, ficou meio constrangido no meio de tanto craque — Zizinho, Pirilo, Vevé, Domingos da Guia. Mas em pouco tempo ganhou a vaga de titular, conquistando os jogadores e a torcida com sua garra e simpatia.

Paranaense de Irati, nascido em 22 de março de 1921, Biguá chegou rápido ao estrelato, mas teve uma carreira curta para o que ainda poderia render. Revelou-se no infantil do Atlético e, mal assinou o primeiro contrato no Água Verde, veio para o Rio de Janeiro. Ao lado de todos aqueles astros, ganhou o primeiro tricampeonato do Flamengo. Além de eficiente na marcação, Biguá tornou-se um dos precursores dos laterais modernos, nisso de apoiar o ataque. Houve partidas em que chegou a atuar pela ponta-direita.

Se lhe faltava altura, sobrava uma elasticidade fora do comum, além de uma perfeita colocação. Parecia que cada jogo era o último, lutava como um alucinado. Com Modesto Bria e Jaime de Almeida, formou uma das linhas médias mais eficientes do futebol brasileiro.

Fora do Flamengo sua estrela também brilhou. Foi assim na Seleção Carioca, que se sagrou bicampeã brasileira (1943 e 44), e na Seleção Brasileira, que conquistou o Sul-Americano em Santiago. Houve um duelo histórico na decisão, de Biguá com o ponta-esquerda argentino Lostau, do River Plate, que se deu por vencido.

Apaixonado pelo Flamengo, chegou a aceitar um convite do Corinthians, feito por intermédio de Domingos da Guia, que acabara de se transferir para lá, mas desistiu minutos antes da viagem. Uma contusão nos ligamentos do joelho direito encurtou este caso de amor. A despedida foi na tarde de 3 de novembro de 1953. O Flamengo ia jogar contra o Botafogo, e Biguá, depois de posar com todo o time, deu a volta olímpica e descalçou as chuteiras em pleno campo. ▷

Uma equipe de voleibol do Flamengo, que excursionava pelo Nordeste, foi ver um jogo da Seleção de Alagoas contra a da Paraíba. Na volta, contaram ao técnico de futebol do Flamengo, Fleitas Solich, o que viram.

A Seleção Alagoana estava perdendo de 3 x 1. No segundo tempo, um garoto de 17 anos enfiou três gols no adversário, além de fazer o diabo. Um mês depois um representante do clube foi buscá-lo em Maceió.

O próprio Dida ficou apavorado com a idéia. Sua mãe, dona Erlinda, que desde os tempos das peladas não via com bons olhos a paixão do filho pelo futebol, apelou logo para o choro. Mas prevaleceu a opinião do pai Jaime.

Dida pegou um avião da FAB e uma icterícia. Teve que ficar 40 dias de molho, sob tratamento médico no Rio, onde chegou em abril de 1954. Apesar do contratempo, a cigana não o enganou: depois de um tempo nos aspirantes — nos treinos era o terror da defesa titular —, teve a primeira oportunidade num clássico contra o Vasco. Benítez, um paraguaio que fora campeão sul-americano, e Evaristo, que se dava bem em qualquer posição do ataque, estavam contundidos.

Para facilitar a vida de Dida, Fleitas Solich optou também pela estréia do minúsculo Babá, com quem Dida estava acostumado a jogar nos aspirantes. O Flamengo ganhou (2 x 1) mas Dida voltou aos aspirantes. Em 1955 ele já estava prontinho para o time titular. Foi o que aconteceu no segundo turno do campeonato. O que se inicia, então, é um duelo de monstros: Evaristo reassume a posição no terceiro turno e, na decisão extra contra o América, faz o gol da vitória. Logo depois, porém, no segundo jogo, o América enfia 5 x 1 e Solich se convence:

"Dida vai acabar com a defesa do América. Com ele, vamos ganhar o tri".

Profético Solich: Dida foi o melhor jogador em campo, agarrou-se à posição que nem musgo e foi convocado para a Seleção que iria levantar o campeonato mundial na Suécia, em 1958. Sua estréia foi contra a Seleção Paraguaia (5 x 1 para o Brasil), na Taça Osvaldo Cruz. Na Suécia, jogou a primeira partida contra a Áustria. Mas o garoto que desnorteava as defesas em Alagoas acabou perdendo a posição para um garoto genial — Pelé.

Dida foi titular absoluto do Flamengo até 1963, quando se transferiu para a Portuguesa de Desportos (SP). Seu recorde de gols no clube (244) só foi superado por Zico.

Dida: recorde de gols só superado por Zico

RODOLPHO MACHADO

Raul: um elegante colecionador de títulos

RAUL GUILHERME Flasmann agradeceu a todas as homenagens que recebeu ao abandonar o futebol, em dezembro de 1983, e não pediu licença para dizer o que achava de um de seus ídolos favoritos — ele próprio, o goleiro Raul:

"Nasci para ser campeão. Minha estrela sempre brilhou, mesmo em situações adversas. Foi assim no Campeonato Brasileiro de 1980, quando acharam que eu estava velho, acabado para o futebol. Persisti, fui campeão do mundo e ganhei dois títulos brasileiros. Quando parei, houve quem pedisse para eu continuar".

O elegante paranaense, nascido a 27 de setembro de 1944, ainda tinha o maior prazer de jogar, mas estava cansado dos treinos, viagens e concentração. Assim, preferiu trocar as balizas por uma cabine do Maracanã, onde quase todos os fins de semana comenta os jogos para a Rádio Tupi.

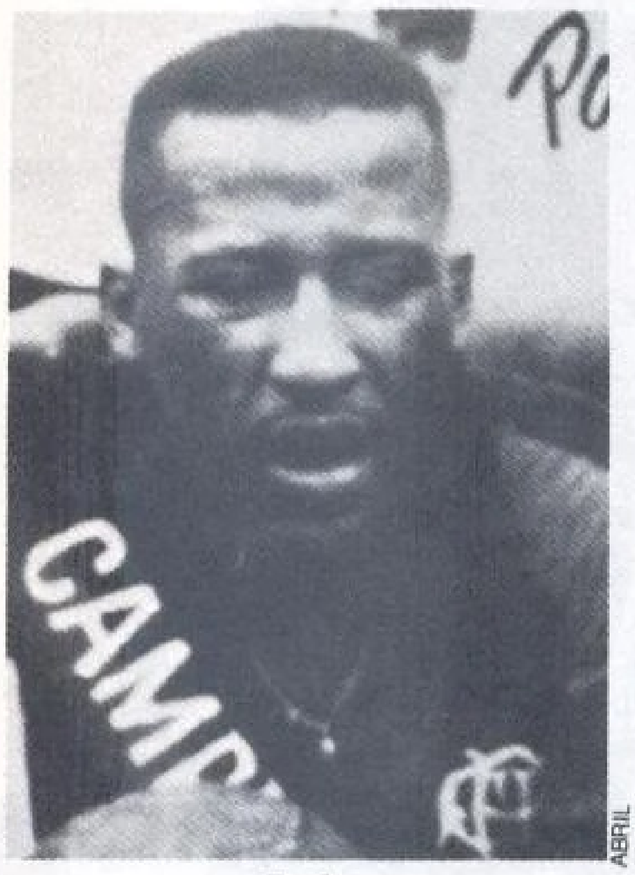
Enfim, uma aposentadoria de verdade, pois a que ele tentou em 1978 não durou mais que uma semana. O Cruzeiro de Tostão, Dirceu Lopes, Zé Carlos e Nelinho estava acabado. Então ele achou que o melhor era voltar para Curitiba e quem sabe parar. Não resistiu a uma cantada do técnico Cláudio Coutinho, que o via como o homem ideal para formar ao lado de outro time de estrelas: o Flamengo de Zico, Júnior, Carpegiani e Cláudio Adão.

Nada demais para o goleiro, velho colecionador de títulos. Só no Cruzeiro — antes ele jogara no Coritiba (PR), Nacional de Montevidéu e São Paulo —, foi penta (de 1965 a 69), tetra (de 1972 a 75), sem contar o título do Campeonato Mineiro de 1977 e a Taça Libertadores da América em 1976.

No Flamengo, onde logo virou ídolo, ele não deixou por menos: foi pentacampeão da Taça Guanabara (de 1978 a 82), campeão carioca de 1978 e 79 (especial), e 1981, campeão da Taça Libertadores da América, campeão Mundial de Clubes (1981) e tricampeão brasileiro (1980, 82 e 83).

O país teve outros goleiros mais elásticos, ágeis e completos que Raul. Mas lhe sobravam inteligência, disciplina, correção e eficiência. Fora isso, ele entra na galeria dos heróis rubro-negros pelo seu equilíbrio emocional, colocação perfeita, saídas da área precisas (coisa rara nos goleiros brasileiros) e senso de comando de seus companheiros de defesa. Sem dúvida, merecia um lugar na Seleção Brasileira em 1982, mas corre que o técnico Telê Santana o deixou de fora porque ele nunca cansou de repetir:

"Prefiro treinar pouco e jogar muito". ▷


ABRIL

Rubens

QUANDO Rubens Josué Costa estreou no Flamengo, em 1951, o time rubro-negro amargava um tabu de sete anos sem vencer o Vasco. Rubens chegou à Gávea na semana do Clássico dos Milhões e provou na estréia que o clube realizara excelente negócio ao buscá-lo na Portuguesa de Desportos (SP): fez o primeiro gol de falta e deu o passe para Adãozinho marcar o segundo na vitória de 2 x 1, quebrando a hegemonia vascaína.

Uma exibição inesquecível para a torcida do Flamengo, que começou a esquecer Zizinho, o grande ídolo da década de 40 e do primeiro tricampeonato, vendido ao Bangu antes da Copa do Mundo de 1950. Rubens não chegou a ser um Zizinho, mas ocupou seu lugar de ídolo e carinhosamente a torcida o apelidou de "Doutor Rúbis".

Rubens era um meia-armador clássico, que sabia distribuir rápido as jogadas. Driblava curto infiltrando-se em ziguezague — como Zizinho — pela defesa. Tinha bom domínio de bola e chute forte e colocado. Foi grande batedor de faltas, dom que já demonstrava aos 14 anos, no Barreiras, área no bairro da Barra Funda, em São Paulo, onde nasceu a 24 de novembro de 1928. Em 1943 foi para o Ipiranga, da Primeira Divisão, que resistiu às propostas dos grandes clubes da capital. Em 1950 estava na Seleção de Novos de São Paulo, que jogou no amistoso contra a Carioca na inauguração do Maracanã. Na Portuguesa de Desportos, que o comprou do Ipiranga, Rubens só jogou na excursão à Europa.

Ele foi um dos heróis da Seleção Brasileira que conquistou o Pan-Americano do Chile. No Flamengo, formou uma dupla inesquecível no meio-campo ao lado de Dequinha. Os dois foram importantes na conquista do segundo tricampeonato rubro-negro de 1953, 54 e 55. Por essas façanhas, Rubens se tornou um dos mais populares ídolos do futebol carioca e, antes de encerrar a carreira, foi campeão pelo Vasco no super-supercampeonato de 1958.

O POTIGUAR José Mendonça dos Santos, Dequinha, formou, com Rubens, uma dupla famosa de meio-campo na década de 50. Rubens era o estilista, responsável pelas jogadas de gols.

Dequinha (nascido em Mossoró, a 19 de março de 1928) se encarregava de combater os adversários, tomar-lhes a bola e proteger seus zagueiros.

No Atlético de Mossoró, começou como ponta-esquerda hábil e veloz, em 1945. No ano seguinte vestia a camisa do Potiguar, jogando como centromédio, posição em que se consagraria no futebol brasileiro. O ABC de Natal o contratou dois anos depois e conquistou o título estadual.

Depois, foi para o futebol pernambucano. Uma excursão do América do Recife ao Rio de Janeiro, em 1950, atraiu o interesse do Flamengo, que contratou Dequinha. O investimento no maior centromédio do Norte e Nordeste valeu: Dequinha tornou-se uma peça vital na campanha do segundo bicampeonato do Flamengo, o primeiro no Maracanã.

Primeiro, Dequinha jogou na meia-esquerda, mas Flávio Costa, ao voltar à Gávea, viu logo que o lugar dele era outro. Disciplinado, Dequinha foi o penúltimo dos centromédios clássicos do Brasil — o último foi Carlinhos, que o substituiu no próprio Flamengo —, da mesma escola de Danilo Alvim, o Príncipe Danilo, da Seleção Brasileira e do Vasco.

Mas Dequinha apresentava características modernas, que anteciparam o estilo mais vibrande de Zito, o companheiro de Didi nas Copas de 1958 e 62. Dotado de incrível resistência física, não se limitava a proteger a defesa. Depois de amortecer a bola — a classe era tanta que parecia ter usado a mão —, iniciava a arrancada pelo espaço livre ou tocava de leve para alguém sempre bem colocado. Raramente errava os passes e lançamentos longos.

Dequinha jogou poucas vezes pela Seleção Brasileira — participou de partidas entre 1954 e 56, inclusive da excursão à Europa nos preparativos para a Copa do Mundo de 1958, na Suécia —, mas no Flamengo foi titular absoluto até encerrar a carreira, em 1960. □

O GLOBO

Dequinha

Chegando junto com a tecnologia de ponta!

MULTIMETRO DIGITAL

Da mesma forma como o fizera com o primeiro kit de televisão produzido no Brasil, novamente a **Occidental Schools** se antecipa no mercado, agora com o lançamento do revolucionário **multímetro digital** em forma de kit.

Kit digital — Além deste moderno equipamento, recentemente a **Occidental Schools** lançou também um avançado kit de **eletrônica digital**, inicialmente previsto para 50 experiências. O número de experiências poderá ser ampliado, de acordo com a capacidade de assimilação e criação de seu operador.

Kit de eletrônica digital

Estes e outros kits mais, são partes integrantes dos cursos técnicos intensivos, por correspondência, da **Occidental Schools**, onde teoria e prática se somam, dando ao aluno plenas condições de dominar os circuitos eletrônicos em geral.

Assim, por exemplo, no curso de televisão P&B/Cores, enquanto o aluno fica familiarizado com o funcionamento dos circuitos — técnicas de manutenção e reparos —, tem ainda a oportunidade de montar o ainda único televisor transistorizado, em forma de kit, produzido no Brasil!

Kit de televisão transistorizado

Valor do investimento — A esta altura, você deve estar se indagando a que preço sairiam o repasse destas tecnologias e equipamentos. O valor dos mesmos, se equiparam aos dos modelos similares produzidos em escala comercial. Isso, sem considerar que ao concluir o curso, mais que um usuário, você estará especializado numa área que poderá, inclusive, lhe proporcionar consideráveis rendimentos. Depende só de você.

Informações detalhadas — Para atingir o grau de credibilidade e a incontestável liderança no segmento de cursos técnicos especializados, a **Occidental Schools**, sempre se preocupou em bem informar a seus alunos, antes mesmo da efetivação da matrícula. Afinal, num curso por correspondência é importante você saber, antecipadamente, quem são e o que fazem as pessoas que prometem êxito em seus estudos.

Sendo assim, solicite pessoalmente maiores informações em nossos escritórios, por telefone ou, simplesmente, utilizando a nossa caixa postal com o cupom abaixo. Qualquer que seja o meio utilizado, teremos o máximo prazer em lhe atender. Conte desde já conosco!

atendimento de alunos

OCCIDENTAL SCHOOLS
AL. RIBEIRO DA SILVA, 700
01217 SÃO PAULO SP
Telefone: (011) 826-2700

À
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

FL / P 13

Desejo receber **gratuitamente** e sem nenhum compromisso, catálogos ilustrados do curso que assinalo a seguir:

☐ Eletrônica ☐ Eletrônica Digital ☐ Áudio e Rádio ☐ Televisão
☐ Eletrotécnica ☐ Instalações Elétricas ☐ Refrigeração e Ar Condicionado

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____

CEP _____ **Cidade** _____ **Estado** _____

TORCIDA

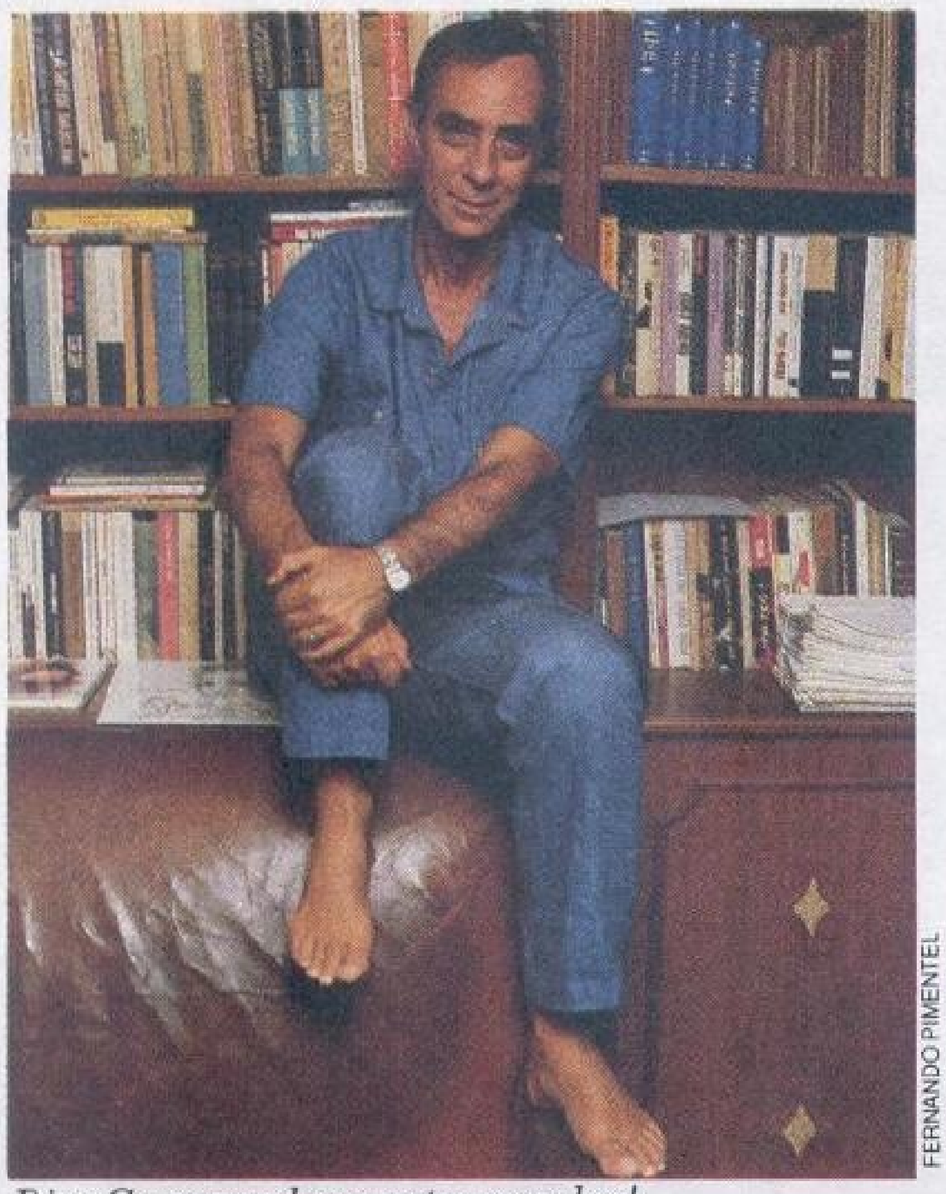
UM PAÍS CHAMADO MENGO

Não é verdade que o Flamengo tem a maior torcida brasileira. Basta dar uma volta pelo Brasil para ver: o que ele tem é um país

RICARDO CHAVES

Se há uma coisa que não falta ao Flamengo, dono da maior torcida do Brasil, são... torcedores. De todos os tipos, idades, classes e cores. E fanáticos, em sua esmagadora maioria. Gente como dona Laura de Carvalho, 64 anos, comandante da famosa Charanga rubro-negra fundada por seu marido Jaime de Carvalho (já falecido) em 1942, por exemplo. "Quando o Jaime estava muito doente e dizia que não podia largar a Charanga, eu não compreendia. Hoje entendo: se o Flamengo morresse, eu morreria junto", dramatiza dona Laura.

Quando os dois se conheceram, em 1935 (casaram-se um ano depois), ela já era flamenguista há dez anos. Mas não tinha o hábito de ir a campo — ao contrário do marido, que não perdia um jogo sequer e, com seu estilo comportado, avesso a palavrões e brigas, começava a difundir o hábito de usar a camisa do clube, levar bandeiras e cantar refrões de estímulo. "Eu o ajudava na confecção do material, coisa que naquela época dava um trabalhão incrível: tínhamos de tingir os panos em latas velhas de manteiga, em fogão a lenha. Hoje, ▷



FERNANDO PIMENTEL

Dias Gomes: salve o autor popular!

as lojas vendem tudo pronto, é muito mais fácil", compara ela, saudosista.

O dia da estréia da Charanga — 11 de outubro de 1942 — ela jamais esquecerá. Dentro das Laranjeiras, graças ao empate por 1 x 1 com o Fluminense, o Flamengo conquistou o título estadual. "Inauguramos a Charanga com o pé direito", lembra dona Laura, sorrindo entre reminiscências do histórico tricampeonato em 1944. "Aquilo foi uma loucura. Andamos da Gávea até a sede na Praia do Flamengo, sambando e cantando. Emoção maior, nunca tive. E que me perdoem os outros craques: igual ao Zizinho também não apareceu. Zico pode ter sido nosso maior artilheiro, mas Mestre Ziza... ah, ele era mais completo, jogava com total amor à camisa."

Para assumir o lugar do marido na Charanga foi preciso que ela superasse o preconceito dos demais, para quem mulher não servia para o posto (em protesto, Ernesto Escovino e José Vaz, companheiros de Jaime na fundação da banda, se desligaram e fundaram a torcida Dragões Rubro-Negros). Quando pediram a interferência do ex-presidente Márcio Braga para tentar afastá-la, sete anos atrás, dona Laura — três filhos, seis netos e três bisnetas — saiu ainda mais fortalecida do episódio: "Márcio entendeu que só morta eu deixaria a chefia da Charanga, como Getúlio Vargas. E me deu total apoio", conta dona Laura, cuja maior tristeza com o Fla foi em 1968: depois da derrota por 2 x 0 diante do Bonsucesso, que custou o título da Taça Guanabara, ela chorou tanto que acabou acordando no hospital, com a pressão a 25.

Tão apaixonado como ela é o funcionário público aposentado Ernesto Escovino, 74 anos, sete filhos, oito netos e o orgulho de ter "mais de 60 anos de arquibancada". Camisa e gorro rubro-negros, sirene na mão, "seu" Ernesto grita, xinga e briga no comando dos Dragões Rubro-Negros, com uma vitalidade que deixa sua mulher, dona Aída, de cabelos em pé: "Ele sofre do coração. Mas está cada vez mais atrevido e teimoso, não cuida da saúde. Nos dias de jogo sai de casa às 7 da manhã e só volta de madrugada".

Em 1981, quando o Flamengo venceu o Cobreloa por 2 x 0 e tornou-se campeão da Taça Libertadores, Escovino — que se atrevera a comprar bolinhas de gude para atirar no goleiro Wirth — desmaiou de emoção no segundo gol de Zico e acordou na enfermaria do Estádio Centenário, em Montevidéu. Não foi a primeira vez: em abril de 1956, quando o América sapecou 5 x 1 em seu rubro-negro, na segunda partida da melhor-de-três pelo título do tricampeonato, ele teve uma convulsão cerebral devido à emoção. Mas três dias depois, burlando a vi-

ABRIL

Ari Barroso, um torcedor apaixonado

RICARDO CHAVES

Luís Carlos Barreto, com os filhos Bruno e Fábio

gilância médica, fugiu de casa para assistir à final — e a vitória de seu time.

Se não lhe tirou a vida, o amor pelo Fla custou-lhe a falência da fábrica de calçados, pois ele se descuidou dos negócios. "Até hoje, nos fins de semana, Ernesto esquece a família", revela dona Aída, conformada. O marido — para quem os maiores times que já viu foram os de 1927 e 81 — não tem remorsos. Nem justificativas: "Esta camisa tem um fascínio inexplicável", diz ele.

E é mesmo, concorda Vera Lúcia Souza Soares, a Verinha, que chefia a torcida organizada Flamor, a que mais mulheres tem em suas fileiras. "Só quem é rubro-negro consegue entender nossa paixão", defende ela, que se tornou flamenguista por influência do padrasto e desde os cinco anos de idade já se vestia com as cores do time. Fundadora da Flamor em 1973, quando tinha 17 anos e deixou a Torcida Jovem, da falecida Tia Helena, Verinha cita o título estadual de 1974 e o Mundial de Clubes em 1981 como as maiores emoções que já viveu. "Foi um delírio. Só senti não ter podido ir a Tóquio ver aquilo de perto."

Para ter este privilégio, não foram pequenos os sacrifícios feitos por Francisco Albertino de Moraes, 28 anos, funcionário da Embrafilme, e seu amigo José Carlos Nascimento, 22 anos, estudante. "Vendi carro, geladeira, televisão e objetos de estimação para pagar as passagens. Perdi até minha segunda mulher por causa desta paixão pelo Flamengo. Mas valeu a pena", confessa o orgulhoso Moraes, um dos 4 000 integrantes da torcida Raça Rubro-Negra. Assim como ele, os irmãos Cláudio e César Lúcio da Cruz também acham que valeram a pena os desconfortos e perigos passados nos Andes, sofrendo fome e frio na boléia de um velho caminhão e a bordo do "Trem da Morte", que liga Corumbá a Santa Cruz de la Sierra, para ver Flamengo e Willstermann em Cochabamba.

Além de dona Laura, "seu" Ernesto, Verinha, Moraes, Zé Carlos, Cláudio e César, o Flamengo sempre teve em sua imensa torcida também nomes famosos. Como o narrador e compositor Ari Barroso, os cantores Ciro Monteiro e Blecaute, o escritor José Lins do Rego (autor de *Menino de Engenho*). Sempre que pode, lá está Jorge Ben no Maracanã, ele que cantou *Fio Maravilha* com tanto balanço e paixão. Ou então Walter Clark, que já foi vice-presidente de futebol do rubro-negro, um torcedor apaixonado mas discreto. E Carlinhos Niemeyer, dono e diretor do jornal cinematográfico Canal 100 e sobrinho do arquiteto Oscar Niemeyer, outro flamenguista — este, um torcedor bem menos espalhafatoso que o ator Grande Otelo. E mais: o costureiro Guilherme Guimarães, o cineasta Luís Carlos Barreto (sogro do centroavante Cláudio Adão), o dramaturgo Dias Gomes e o ministro da Marinha Alfredo Karam.

Todos democraticamente iguais na mesma inexplicável paixão. □

ABRIL

RODOLPHO MACHADO

Jaime, o fundador da Charanga, e a viúva dele, dona Laura

DEPOIMENTO

JOÃO NOGUEIRA

DIAS DE BAILE NO MARACANÃ

Para ele, o Flamengo é como música. Por isso repete no fim de cada show o samba de Wílson Batista: "Flamengo joga amanhã..."

"Os brasileiros nascem Flamengo. Depois é que alguns degeneram."

Desconheço o autor desta feliz frase, mas é a melhor definição sobre o que é ser Flamengo. O saudoso jornalista Mário Filho, dono do *Jornal dos Sports*, dizia que é mais difícil deixar de amar um clube do que uma mulher. Santa sabedoria.

Pois eu digo que é eternamente impossível desgostar do Flamengo. Ser Flamengo é ter sempre um bom astral. É viver de bem com a vida, driblando a inflação, o BNH e o salário da fome.

Futebol é paixão, emoção, e serve para extravasarmos nossas angústias. É como a música popular brasileira, que nos dá prazer, nos diverte e nos faz esquecer que a inflação do ano vai subir mais que 200%. Pois o Flamengo é esta válvula de escape que nos liberta das amarguras e desventuras da vida.

Nasci no Méier, ali na Rua Magalhães Couto, em novembro de 1941. E, como já disse, nasci Flamengo. Fui moleque de rua e de peladas diárias, dedão do pé quase sempre ferido, os joelhos ralados de tanto apanhar dos mais velhos. Queria ser jogador de futebol, ponta ou meia-direita. Mas minha bola era curta e só tinha uma obsessão: ver meu Flamengo rolar a bola no Maracanã, Tomires e Pavão arrepiando na "zona do agrião",

RODOLPHO MACHADO

Dequinha esbanjando raça e classe no meio-campo, Rubens, o famoso Doutor Rubis, driblando, rolando a bola macia para o paraguaio Benítez ou o valente Índio estufar a rede inimiga. Depois ficava encantado com a categoria de Moacir, a fibra de Henrique, o oportunismo de Dida.

Como sinto saudade daquele esquadrão do segundo tricampeonato em 1953, 54 e 55. Minha mágoa é não ter visto Zizinho jogando com o "manto sagrado", a camisa preta e vermelha. Eu o vi jogando pelo Bangu uma ou duas vezes e fiquei maravilhado. Era fantástico. Sabem qual troféu guardo com o maior carinho? É a faixa de campeão que Zizinho ganhou em 1942 e me presenteou semana depois de nos conhecermos numa roda de samba.

Fui fanático por Dida e seus gols. Mas tive forças para suportar nossa separação. O jogador é momento passageiro que nos enche de ilusões, alegrias e nos liberta das tristezas. Mas o clube, a mística da camisa, a paixão pelo vermelho e preto, serão eternos. Zico foi meu ídolo e ainda é meu amigo. Mas seu tempo passou. Agora, me "amarro" nesse neguinho Adílio. Eu o considero "termômetro" das atuações do Flamengo: se ele faz uma ou duas boas jogadas nos 10 minutos iniciais, tenho a premonição de que vai dar

Flamengo na cabeça. Caso contrário, já vou me preparando para o pior.

Eu me sinto participando de cada jogada lá dentro do campo. Pode parecer estranho, mas tive esta forte emoção naquela decisão contra o América em abril de 1956, a distribuir porradas, como Tomires e Pavão, e principalmente me encarnando no Dida, a disparar diabolicamente pra cima do pobre do goleiro Pompéia.

Minha paixão pelo Flamengo é tão louca que até mesmo diante da televisão me vejo correndo, driblando, chutando e apanhando lá dentro do campo. Foi assim naquela transmissão angustiante das finais da Libertadores contra o covarde e desleal Cobreloa. Quando vi o sangue escorrendo do supercílio direito de Adílio, tive vontade de dar um bico na televisão. Se estivesse lá em Santiago, pularia em campo para proteger meus amigos. E como senti o soco que o mesmo Mario Sotto deu no Lico. Mas fui à forra em Montevidéu. Pois é; lá é que foi emocionante. Que delícia foi acompanhar a bola chutada na falta em que Zico decretou a vitória, a conquista da Libertadores abrindo as portas para o Mundial em Tóquio. E nunca me senti tão Anselmo como naquele soco que Carpegiani mandou o menino dar no Mario Sotto. Parecia até que ouvi a ordem, entrei correndo e, na primeira dividida, lavei a alma de uma nação. Adílio, Lico e todos que apanharam em Santiago estavam vingados.

Já me senti desesperado torcendo pelo Flamengo, buscando forças para, por exemplo, barrar as arrancadas de Mané Garrincha. Como naquela decisão de 1962. Fiquei angustiado naquela corrida de Mané, passando por Décio Crespo e Jordan, entrando na área e desferindo uma bomba que Fernando não conseguiu segurar, que estourou na cara do assustado Vanderlei e errou nossas esperanças de ainda tentar o gol de empate. Mas não sou de fugir à luta e fiquei até o apito final do juiz. Sou daqueles rubro-negros que acreditam em milagres, na força guerreira dos nossos ídolos.

Não me esqueço do heróico Almir, o Pernambuquinho, naquele campo enlameado pela chuva. Foi em outubro de 1966, se não me falha a memória. Mas o lance não esquecerei jamais: o ponta-direita Gildo cobrando uma falta, Almir cabeceando no ângulo esquerdo e o goleiro Ubirajara Mota defendendo parcialmente, a bola sobrando a três palmos da baliza. Veja que emoção, como fico arrepiado, parece que estou novamente me encarnando no Pernambuquinho, mergulhando, ralando a cara e marcando o gol de pura raça, aos 40 do segundo tempo. Acabamos com a invencibilidade do Bangu, naquele campeonato. Depois, me senti novamente Almir na decisão, brigando para não sermos humilhados porque o goleiro Valdomiro, que era um dos destaques, andou levando três gols estranhos no primeiro tempo. Aceito a derrota, mas não as forças estranhas e a humilhação. Os exatos 6 x 0 contra o Botafogo que ficaram entalados na garganta por nove anos. Sou um torcedor apaixonado e pacato. Nunca fui vingativo, mas aquela goleada tinha de ser devolvida um dia. E que doce vingança. Naquele chute de Andrade ele não teve só a minha companhia, mas de toda a torcida que estava no Maracanã. Foi tão gratificante a goleada porque lá estava pelo menos um algoz daquela triste tarde de 15 de novembro de 1972, Jairzinho, que nos humilhara com três gols, um de letra. Foi realmente um baile, um show fantástico do Flamengo. Por todas essas alegrias, quem é que pode deixar de amar o Flamengo, a camisa que dá força e empurra os jogadores para a vitória? Por isso é que normalmente procuro encerrar meus shows repetindo o samba do meu saudoso amigo Wílson Batista:

Flamengo joga amanhã,
Vai haver mais um baile no Maracanã.
O mais querido tem Rubens, Dequinha
e Pavão.
Eu já rezei pra São Jorge pedindo pro
Mengo ser campeão.
Pode chover, pode o sol me queimar
Que eu vou pra ver a charanga do
Jaime tocar.
Flamengo, Flamengo, tua glória é lutar.
Quando o Mengo perde não quero almoçar,
Não quero jantar.
Flamengo joga amanhã...

"Quando vi o sangue saindo do supercílio direito de Adílio, tive vontade de dar um bico na TV. Se estivesse em Santiago, pularia em campo"

É A GLÓRIA!

Aqui, o Flamengo mostra com quantos títulos se faz um mito. Não está faltando nada

1914

Campeão carioca com oito vitórias, três empates e uma derrota, 24 gols pró e 15 contra. *Artilheiro:* Riemer, oito. *Time-base:* Baena, Píndaro, Nery, Curiol, Miguel, Galo, Osvaldo, Baiano, Borgeth, Riemer e Raul.

1915

Bicampeão carioca invicto com sete vitórias e cinco empates, 35 gols pró e 11 contra. *Artilheiro:* Riemer, 13. *Time-base:* Baena, Píndaro, Nery, Curiol, Sidney Pullen, Galo, Baiano, Gumercindo, Borgeth, Riemer e Raul.

1920

Campeão carioca invicto com 13 vitórias e cinco empates, 44 gols pró e 19 contra. *Artilheiro:* Junqueira, 15. *Time-base:* Kuntz, Burgos, Telefone, Rodrigo, Sisson, Dino, Carregal, Candiota, Sidney Pullen, Junqueira (João de Deus) e Hugh Pullen.

1921

Bicampeão carioca com seis vitórias, cinco empates e duas derrotas, 33 gols pró e 24 contra. *Artilheiro:* Nono, 11. *Time-base:* Kuntz, Burgos, Telefone, Rodrigo, Sidney Pullen, Dino, Galvão, Candiota, Nonô, Junqueira e Torres (Rui Santiago).

1925

Campeão carioca com 14 vitórias, três empates e uma derrota, 61 gols pró e 18 contra. *Artilheiro:* Nonô, 27. *Time-base:* Batalha, Penaforte, Hélcio, Japonês, Seabra (Roberto), Mamede, Nílton, Candiota, Nonô, Vadinho e Moderato.

1927

Campeão carioca com 13 vitórias, dois empates e três derrotas, 47 gols pró e 32 contra. *Artilheiro:* Nonô, 13. *Time-base:* Amado, Hermínio, Hélcio, Benevenuto, Seabra (Frederico), Flávio Costa, Cristolino, Vadinho, Fragoso (Nonô), Agenor e Moderato.

1939

Campeão carioca com 16 vitórias, quatro empates e quatro derrotas, 67 gols pró e 24 contra. *Artilheiro:* Alfredo González, 13. *Time-base:* Iustrich (Walter Goulart), Domingos da Guia, Nílton (Osvaldo), Artigas (Jocelino), Voltante, Medio, Sá, Valdio, Leônidas (Caxambu), Alfredo González e Jarbas (Orsi).

1942

Campeão carioca com 20 vitórias, cinco empates e duas derrotas, 87 gols pró e 29 contra. *Artilheiro:* Sílvio Pirilo, 27. *Time-base:* Iustrich (Jurandir), Domingos da Guia, Nílton, Biguá, Voltante, Jaime, Valido (Sá), Zizinho, Pirilo (Nandinho), Perácio e Vevé (Jaci).

1943

Bicampeão carioca com 11 vitórias, seis empates e uma derrota, 51 gols pró e 18 contra. *Artilheiro:* Perácio, 14. *Time-base:* Iustrich (Jurandir), Domingos da Guia, Nílton, Biguá, Voltante, Jaime, Jaci (Nilo), Zizinho (Nandinho), Perácio, Tião e Vevé.

1944

Tricampeão carioca com 13 vitórias, dois empates e duas derrotas, 50 gols pró e 18 contra. *Artilheiro:* Pirilo, 13. *Time-base:* Jurandir, Nílton, Quirino, Biguá, Bria, Jaime, Jaci (Valido), Zizinho, Pirilo, Perácio (Tião), Vevé (Jarbas).

1953

Campeão carioca com 21 vitórias, quatro empates e duas derrotas, 74 gols pró e 26 contra. *Artilheiro:* Benítez, 21. *Time-base:* Garcia, Marinho, Pavão, Servílio, Dequinha, Jordan, Joel, Índio, Rubens, Benítez e Esquerdinha.

1954

Bicampeão carioca com 20 vitórias, cinco empates e duas derrotas, 64 gols pró e 25 contra. *Artilheiro:* Índio, 18. *Time-ba-*

se: Garcia, Tomirez, Pavão, Servílio, Dequinha, Jordan, Joel, Rubens, Índio, Evaristo e Zagalo.

1955

Tricampeão carioca com 20 vitórias, quatro empates e seis derrotas, 86 gols pró e 42 contra. *Artilheiro:* Paulinho, 23. *Time-base:* Chamorro, Tomirez, Pavão, Jadir, Dequinha, Jordan, Joel, Índio, Evaristo, Dida e Zagalo. Jogaram ainda neste campeonato: Garcia, Aníbal e Ari (goleiros), Servílio, Leone, Joubert, Duca, Paulinho, Nílton, Rubens, Esquerdinha e Babá.

1963

Campeão carioca com 17 vitórias, cinco empates e duas derrotas, 46 gols pró e 17 contra. *Artilheiro:* Aírton, 15. *Time-base:* Marcial, Murilo, Luís Carlos, Ananias, Paulo Henrique, Carlinhos, Nelsinho (Gérson), Espanhol (Geraldo), Aírton, Paulo Choco (Dida) e Osvaldo.

1965

Campeão (IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro) com dez vitórias, dois empates e duas derrotas, 18 gols pró e oito contra. *Artilheiro:* Silva, 7. *Time-base:* Valdomiro, Murilo, Ditão, Jaime Valente, Paulo Henrique, Carlinhos, Nelsinho, Carlos Alberto, Almir, Silva e Rodrigues.

1972

Campeão carioca com 17 vitórias, sete empates e três derrotas, 43 gols pró e 16 contra. *Artilheiro:* Doval, 16. *Time-base:* Renato, Moreira, Chiquinho, Reyes, Rodrigues Neto, Liminha, Zé Mário, Rogério, Caio, Doval e Paulo César Lima.

1974

Campeão da Taça Guanabara com 15 vitórias, nove empates e três derrotas, 42 gols pró e 21 contra. *Artilheiro:* Zico, 18.

ABRIL

Taça Libertadores da América

Time-base: Renato, Humberto Monteiro (Júnior), Jaime, Luís Carlos, Rodrigues Neto, Liminha, Geraldo, Paulinho, Doval, Zico e Édson.

1978

Campeão carioca com 17 vitórias, quatro empates e 5 derrotas, 60 gols pró e 11 contra. *Artilheiros:* Zico e Cláudio Adão, 19. *Time-base:* Raul (Cantarele), Toninho, Rondinelli, Manguito, Júnior, Carpegiani, Adílio, Zico, Marcinho (Cléber), Cláudio Adão e Tita.

1979

Bicampeão carioca invicto com 17 vitórias e cinco empates, 51 gols pró e 12 contra. *Artilheiro:* Zico, 26. *Time-base:* Cantarele, Toninho, Rondinelli, Manguito, Júnior, Carpegiani, Adílio, Zico, Reinaldo, Cláudio Adão e Júlio César.

1979

Tricampeão (Campeonato Estadual de 1979) com 27 vitórias, dois empates e quatro derrotas, 84 gols pró e 27 contra. *Artilheiro:* Zico, 34. *Time-base:* Raul (Cantarele), Toninho, Rondinelli, Manguito, Júnior, Andrade, Adílio, Zico, Reinaldo, Cláudio Adão e Tita (Júlio César).

1980

Campeão brasileiro com 14 vitórias, seis empates e duas derrotas, 46 gols pró e 20 contra. *Artilheiro:* Zico, 21. *Time-base:* Raul, Carlos Alberto (Toninho), Rondinelli, Marinho, Júnior, Carpegiani, Zico, Andrade (Reinaldo), Tita, Nunes (Anselmo) e Carlos Henrique (Júlio César).

1981

Pentacampeão da Taça Guanabara, 23 vitórias, oito empates e quatro derrotas, 83 gols pró e 23 contra, campeão da Taça Libertadores da América e campeão mundial de clubes. *Artilheiro:* Zico, 25. *Time-base:* Raul, Leandro, Figueiredo, Mozer (Marinho), Júnior, Andrade, Adílio, Zico, Tita, Nunes e Lico. □

FLAMENGO AZUL E OURO

O Flamengo — imagine — já foi azul e ouro. Estas foram as cores escolhidas pelos rapazes do grupo de regatas. Mas elas acabaram sendo mudadas porque se estragavam rapidamente com o sol e o sal. A mudança foi decidida em 1898.

Foi substituída, então, por uma rubro-negra, tendo no canto superior esquerdo um retângulo em preto e o vermelho no resto, homenagem aos flamingos que povoavam a Praia do Flamengo.

Nesse tempo existia uma grande rivalidade entre os jogadores de futebol e os remadores, que usavam uniformes diferentes, mas a bandeira sempre foi a mesma.

Hoje, a bandeira do Flamengo tem 12 listras horizontais alternadas em vermelho e preto, com um escudo no canto superior esquerdo, com uma âncora, dois remos entrelaçados e as iniciais CRF em vermelho. A bandeira faz parte do patrimônio do clube, assim como a flâmula, os escudos e o uniforme. □

O URUBU É O MAIS QUERIDO

O Flamengo era o símbolo da força e da valentia na charge do marinheiro Popeye, ilustração que tornou conhecido o chargista argentino Molas, do *Jornal dos Sports*, e contribuiu para a criação de outros símbolos da época: o Cartola (Fluminense), o Almirante (Vasco), o Pato Donald (Botafogo) e o Diabinho (América). Popeye foi o símbolo do Flamengo, principalmente nas décadas de 40 e 50, quando o clube conquistou seus dois primeiros tricampeonatos estaduais.

OSNEI

Mas, no final dos anos 60, um outro símbolo ganhou a simpatia da torcida: o irreverente Urubu criado pelo cartunista Henfil, quando trabalhava também no *Jornal dos Sports*. O Urubu nasceu em 1.º de junho de 1969, no Maracanã: um torcedor soltou um urubu no gramado minutos antes de o Fla enfrentar o Botafogo. Ele tinha uma pequena bandeira rubro-negra amarrada num dos pés. A torcida rubro-negra, primeiro apanhada de surpresa, acabou por aplaudir o urubu.

O Flamengo não vencia o Botafogo há quatro anos e, naquele dia histórico, venceu por 2 x 1, acabando com a escrita com gols de Arílson e Doval — Paulo César, de pênalti, fez o do Botafogo.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Karman, Plácido Loriggio, Ricardo A. Fischer

PLACAR

Diretor-Gerente: Thomaz Souto Corrêa

REDAÇÃO

Diretor: Juca Kfouri
Redator-Chefe: Sérgio de Souza
Editor de Projetos Especiais: Paulo Patarra
Equipe especial
Editor: Palmério Dória
Coordenador de Reportagem: João Carlos Rodriguez
Redatores: Fernando Del Corso e Nilcéia Nogueira
Repórteres: Hideki Takizawa, Hélio de Alcântara, Francisco Malfitani, Sérgio A. Carvalho, Divino Fonseca e Roberto José da Silva
Arte: Omar Grassetti *(editor)*, Afonso Luiz Grandjean Pinto *(chefe)*, Alberto S.L. Magalhães, Nélson Alves, Sérgio Prado Martins e Walter Mazzuchelli *(assistentes)*, José Dionísio Filho, José da Luz Tenório e Nilson Piovesan *(paste-up)*
Fotografia: Sérgio Berezovsky *(editor)*, Nico Esteves e Ricardo Kotscho, Ricardo Beliel, Rodolpho Machado, Arménio Abascal, Sérgio Sade e Lemyr Martins, Joel Sampaio e José Adolfo de Granville Ponce *(colaboradores)*
Secretário de Redação: Hélio Moreira da Silva
Assistentes de Redação: Araci Rosa, Marcelo Duarte e Rita de Cássia Nevado
Preparadores de Textos: José Gustavo Vasconcellos e Silvio Arruda Nascimento
Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca
Auxiliar de Produção: Renê Santos Filho
Arquivo: Pedro Álvares Cabral e Nélson Gonçalves Coelho
Secretários: Rafael Vieira Filho e Zeugma Sgroi

SUCURSAIS

Rio: Marcelo Rezende *(chefe de redação)*, Hideki Takizawa, Maria Helena Araújo, Regina Echeverria e Tim Lopes *(repórteres)*, Ricardo Beliel, Rodolpho Machado *(fotógrafos)*; **Belo Horizonte:** Sérgio A. Carvalho *(repórter)*, Arménio Abascal *(fotógrafo)*; **Curitiba:** Roberto José da Silva *(repórter)*, Sérgio Sade *(fotógrafo)*, **Porto Alegre:** Divino Fonseca *(repórter)*, Lemyr Martins *(fotógrafo)*; **Recife:** Lenivaldo Araújo *(repórter)*; **Salvador:** Washington de Souza Filho *(repórter)*

Correspondentes Internacionais

Alemanha: Guilherme Dieken; **Argentina:** José Meirelles Passos; **EUA — Nova York:** Odilio Licetti *(chefe)* e Marco Antônio de Menezes; **Washington:** Roberto Garcia; **França:** Pedro de Souza; **Inglaterra:** Alessandro Porro e Jáder de Oliveira; **Itália:** Gerardo Landulfo

SERVIÇOS EDITORIAIS

Diretor: Pierluigi Bracco
Abril Press: João Carlos Geroldo *(gerente)*. Escritórios - **Milão** - Laura Censi *(chefe)* - International Business Centre - Corso Europa, 12 - Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122 Milano - Telex: 313585 e 332809 - **Nova York** - Odilio Licetti *(chefe)*, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y., 10165 - Telex: 237570, Phone (212)557-5990/5993 - **Paris** - Pedro de Souza *(chefe)*, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213Bis214, Paris 75008, Phone 225-5865, Telex: ABRILPA 660731F
Depto. de Documentação: Auta Rojas Barreto *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(gerente)*

COMERCIAL

Diretor de Circulação: Márcio Valente
Gerente Comercial: Wanderlei A. Medeiros

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade, Divisão: Oswaldo de Almeida Filho
Gerente de Publicidade: José Filinto da Silva Neto; **representantes:** Fábio de Almeida e Thyrso Pinto Barcelra Filho
Coordenação de Publicidade: Tieko Kuniyuki
Rio: Sebastião Martins *(diretor)*; Mauro R. Bentes *(gerente)*; Aldano Alves, Ana Maria Salgado, Angelo J. Neci, Carlos Alberto F. Rodrigues, Eduardo Andrea S. Sá, Paulo Roberto F. Cunha e Ricardo O. Lima *(representantes)*
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves *(supervisor)*
Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Curitiba: Angelo Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Geraldo Amaro Rodrigues
Salvador: Fernando Loureiro

Gerente de Anúncios p/ Terceiros: Cecil Rowlands F.º
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Administrativo: Marcus Vinicius Ramos Vieira
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

PLACAR é uma publicação da Editora Abril S.A./**Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** rua Gerado Flausino Gomes, 61, 8.º and., tels. 545-8312 *(redação)*, 545-8324 *(publicidade)*, cx. postal 2372, telex (011)23227, 23322 e 24134, São Paulo/**Telex em Nova York:** EDABRIL 237670/**Escritórios: Belo Horizonte:** r. Aimorés, 366, 2.º andar, salas 201 a 209, fone (031)224-4655, telex (031)1085, telegramas: Abrilpress/**Brasília:** SCS - 6, Edif. Central, 10.º, 12.º e 13.º ands., tel.: (061)224-9150, telex: (061)1454, telegramas: Abrilpress/**Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 15 - 2.º and. - c/214 Bloco A - tel.: (0482)22-7825/**Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 1.º and., tel.: (041)262-9833, telex: (041)5278, telegramas: Abrilpress/**Porto Alegre:** r. General Caldwell, 670 e 679, tel.: (0512)33-2899, telex: (051)1092, telegramas: Abrilpress/**Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, Edif. San Rafael, con. 903/904, tel.: (081)224-0977, telex: (081)1184, telegramas: Abrilpress/**Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 6.º ao 11.º ands., Botafogo, tel.: (021)295-5282, cx. postal 2372, telex: (021)22674/**Salvador:** r. Itabuna, 304, tel.: (071)247-3999, telex: (071)1180, telegramas: Abrilpress/**Distribuidor nos EUA:** M&Z REPRESENTATIVES, 112 Ferry Street, Newark, N.J., 07105, tel.: (201)589-2794/**Preço do exemplar avulso:** o constante na capa/Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais/**Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: cx. postal 60171, São Paulo, telex (011)33670 ABSA. Não mande dinheiro. O pagamento, inclusive despesas postais, será feito na retirada da encomenda na agência do Correio/Todos os direitos reservados/Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

GANHE NO ESPAÇO COM A VERSÁTIL

A VERSÁTIL da BIS-LAR é uma mesa que vale por 5: mesa de trabalho, de refeições para toda a família, escritório, snooker e lindo painel decorativo. Com acabamento de primeira, em madeira de cerejeira maciça, a VERSÁTIL tem garantia do próprio fabricante. É ótima até quando você não precisa dela. Além de não ocupar espaço, na hora de guardar, basta virá-la na posição vertical para transformar a VERSÁTIL num bonito painel decorativo.

Lindo painel decorativo.

Divertida mesa de snooker.

Mesa para trabalho.

Acompanham 6 práticas banquetas.

VERSÁTIL JÁ VEM COMPLETINHA!

- 6 práticas banquetas
- 4 tacos especiais
- 8 bolas
- giz

Prancheta de desenho.

Mesa para refeições.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS
(Versátil e Tak-Bol)
Dimensões: 1,65m x 0,90 m
Altura: 0,80 m
Pés: giratórios e reguláveis

E VIRE O JOGO COM A TAK-BOL

Em matéria de lazer, TAK-BOL dá o lance maior com duas opções geniais, em jogos de **Snooker** e **Pebolim** quando você gira o tampo.
TAK-BOL é fabricada em **cerejeira maciça** para você ganhar também na qualidade e resistência.
E vem acompanhada de:

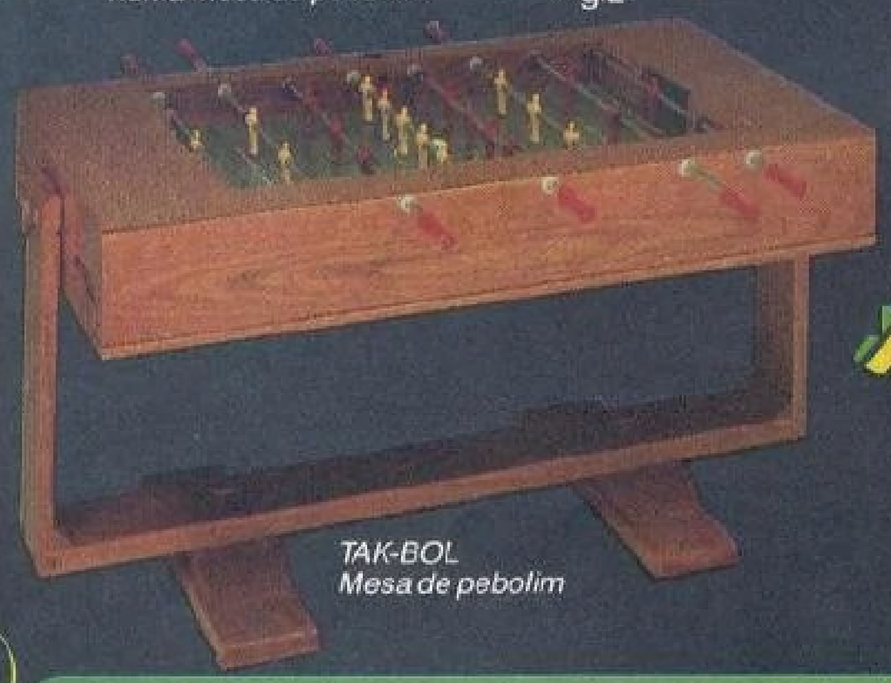
- 8 bolas para snooker
- 4 tacos especiais
- 7 bolas para pebolim
- giz

Vire e transforme a TAK-BOL numa mesa de pebolim.

Não ocupa espaço quando não usada.

Outra exclusividade são os varões do pebolim, que não atravessam fora da mesa, dando total segurança.

GARANTIDA PELO PRÓPRIO FABRICANTE.



TAK-BOL
Mesa de pebolim

A VERSÁTIL e a TAK-BOL são vendidas exclusivamente pelo próprio fabricante.
Ligue já, sem compromisso.
Ou faça o seu pedido de qualquer parte do Brasil.

BIS-LAR®
Bis-Lar Ltda.

Av. Rebouças, 2736 - São Paulo - SP
Fones: (011) 282-3673 - 853-3145 - 881-9447 - CEP 05402
Estacionamento Próprio.

TAK-BOL
Mesa de snooker

RECEITA DE CRAQUE

Sinforiano **GARCIA,** nascido a 22/8/24 em Puerto Pinasco, Paraguai. Grandalhão, pouco ágil, excelente colocação. Sai do gol com perfeição.

Moacir Cordeiro, **BIGUÁ,** 24/7/12, Irati (PR). Forte, valente e veloz, era duro na marcação e tinha ótima noção de cobertura. Apesar de baixo, era bom nas bolas altas.

DOMINGOS DA GUIA, 24/7/12, no Rio de Janeiro (RJ). Perfeito no jogo curto, nas saídas com a bola e no controle. Talvez o maior zagueiro que o Brasil já teve.

Francisco Santiago **REYES,** 24/6/41, Assunção, Paraguai. Ótimo na antecipação, era imbatível no jogo de corpo. Muitas vezes ia à área adversária tentar o gol.

Leovigildo Lins Gama **JÚNIOR,** 29/6/54, na Paraíba. Perfeito no apoio ao ataque, cobra faltas com precisão e chuta de fora da área. Tem boa recuperação e é um marcador seguro.

Ademir Nunes Ribeiro, **DEQUINHA,** 19/3/28, Mossoró (RN). Franzino, ágil, seu toque de bola impressionava. Adorava os lances de efeito.

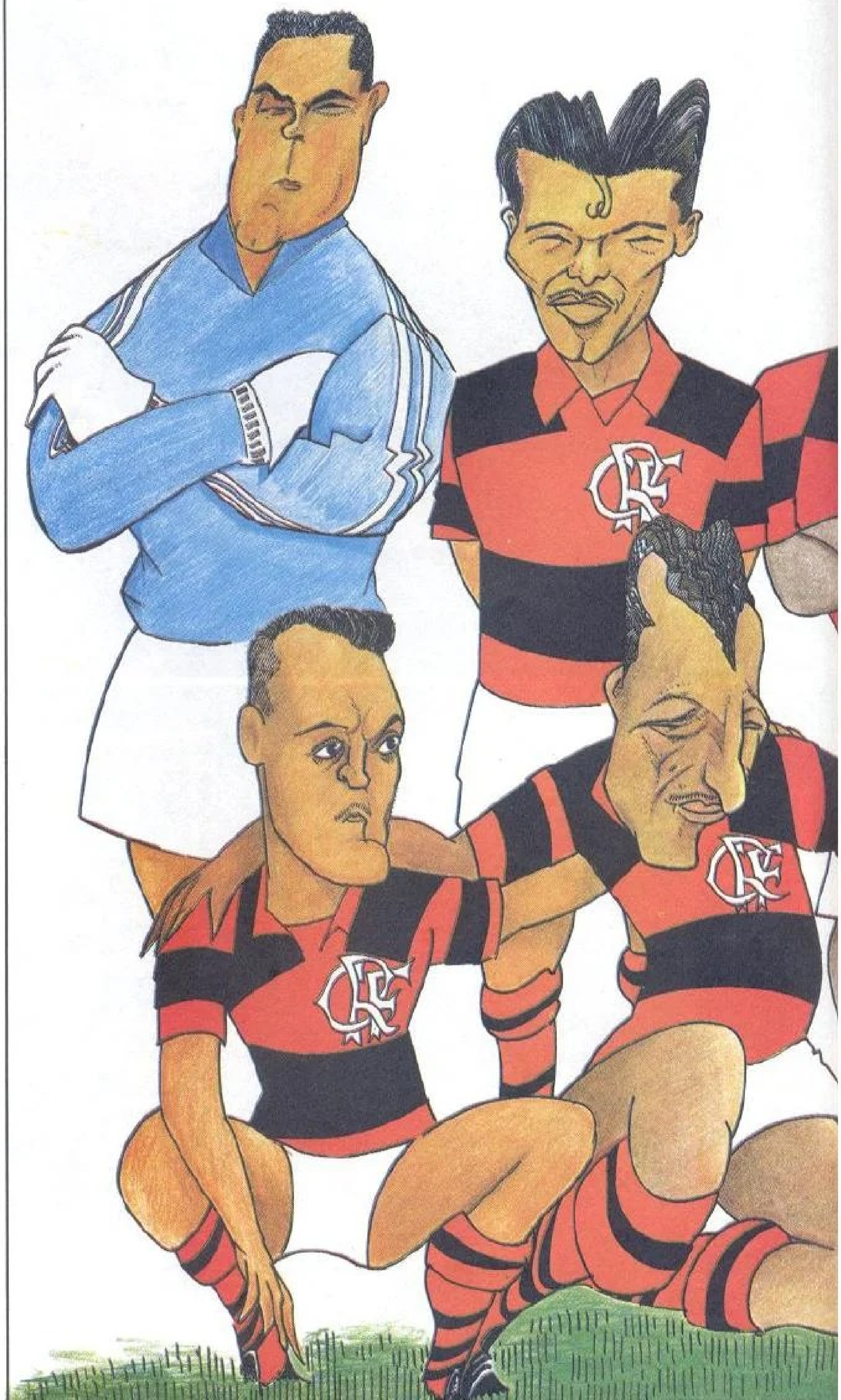
Thomaz Soares da Silva, **ZIZINHO,** 14/9/21, Niterói (RJ). Um dos mais perfeitos jogadores da história do futebol brasileiro.

Arthur Antunes Coimbra, **ZICO,** 3/3/53, Rio de Janeiro (RJ). Maior artilheiro da história do Maracanã.

JOEL Antônio Martins, 23/9/34, Rio de Janeiro (RJ). Veloz, chegava com facilidade à linha de fundo. Seu cruzamento, de curva, era sempre bem feito. Surpreendia correndo em diagonal e fazendo muitos gols.

LEÔNIDAS DA SILVA, 5/9/13, Rio de Janeiro (RJ). Inventor da bicicleta, atuou em todas as posições do ataque. Era valente e impecável no drible, chute e cabeçada ao gol. Estrela da Copa de 1938, foi um dos maiores atacantes do futebol internacional de sua geração.

Everaldo Paes de Lima, **VEVÉ,** 14/3/18, Belém (PA). Magro, rápido nos deslocamentos, era um ponta ofensivo, de dribles curtos e chute fraco, porém preciso.



Responda depressa: qual o Flamengo dos seus sonhos?... É, não dá para sair assim de cara. Enquanto você pensa, vai aí um Flamengo para ninguém botar defeito

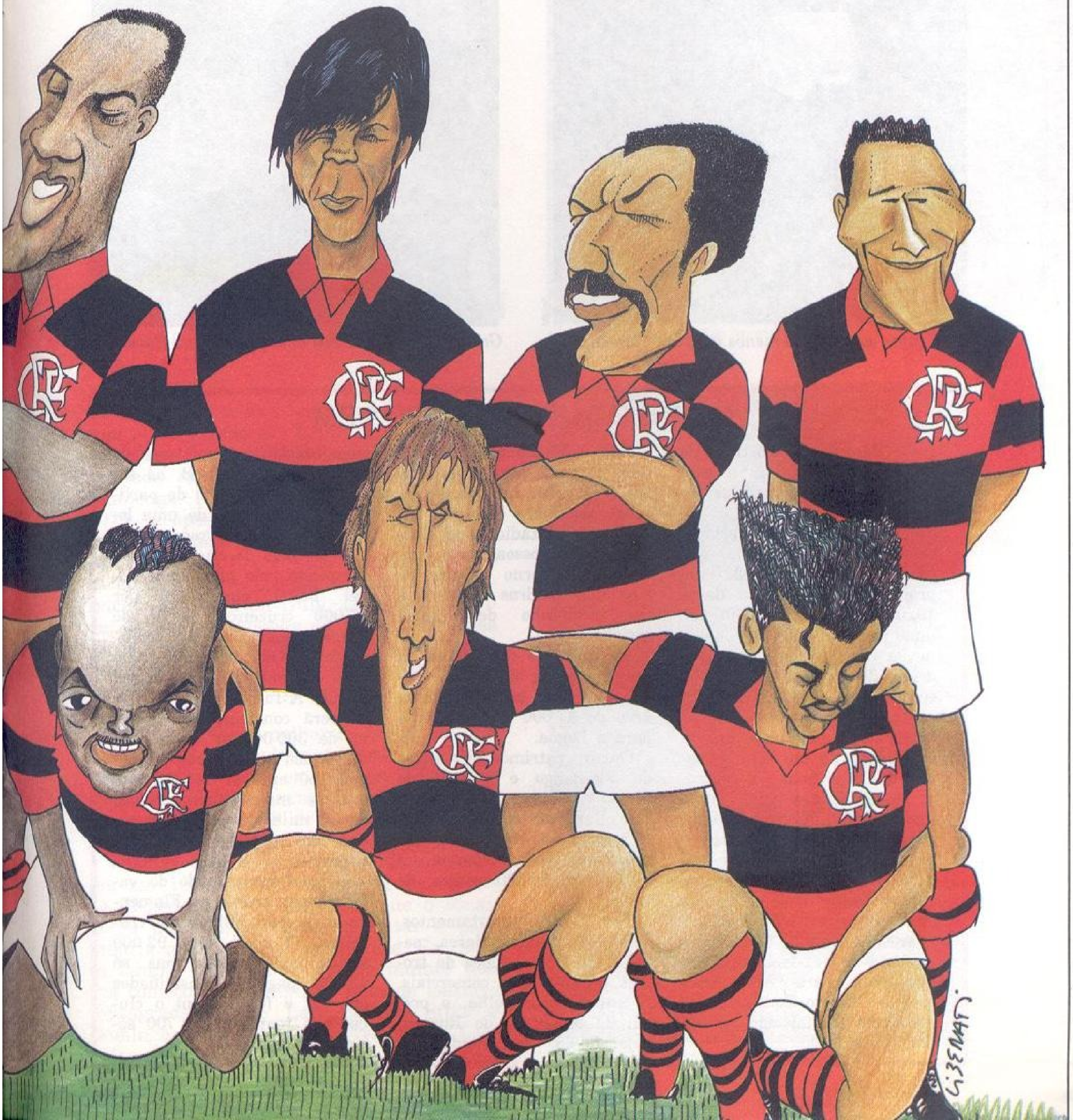


ILUSTRAÇÃO BRUNO LIBERATI

ABRIL

Pelé rubro-negro: pelo menos uma vez Flamengo

O GLOBO

Garrincha também deu uma passada na Gávea

O QUE O RUBRO-NEGRO TEM

O Parque Desportivo da Gávea tem 72 000 m^2 e está avaliado em 72 bilhões de cruzeiros. O terreno foi adquirido pelo antigo presidente José Bastos Padilha, que desengavetou em 1938 um projeto esquecido desde 1920: o arrendamento de uma área, então com 34 000 m^2, à margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, por 1 200 contos de réis, pagáveis durante um longo prazo.

Um dos objetivos era a construção de um estádio para 40 000 pessoas. O contrato foi liberado pelo então prefeito do Distrito Federal Henrique Dodworth. Com o aterro da Lagoa ampliou-se o patrimônio do Flamengo. Foram construídos na Gávea dois ginásios: Togo Renan Soares, o Kanela (em homenagem ao ex-treinador de basquete), para 2 500 pessoas; e Cláudio Coutinho (homenagem ao falecido treinador), para 2 000.

Hoje o Flamengo dispõe de duas piscinas olímpicas, uma social e outra infantil. O futebol tem dois campos oficiais — o estádio pode abrigar 20 000 pessoas, sem contar um moderno estande de tiro, dez quadras de tênis e um campinho de futebol society.

Há um mês foi iniciada a construção da nova sede social, de cinco andares, numa área de 17 000 m^2, de frente para a Lagoa.

Outro patrimônio valioso do Flamengo é a sede do Morro da Viúva, na Avenida Rui Barbosa, no Flamengo. O imóvel foi obtido pelo ex-presidente Hílton Santos em 1946, por 55 000 contos de réis.

Tem 148 apartamentos, vendidos a particulares, salão nobre, dois salões de troféus, quatro lojas comerciais. A antiga sede velha, o prédio 22 da Praia do Russell, hoje 66/68, foi vendida a uma construtora em troca do 4.° andar do bloco B, as salas 210 e 309, além de participação em 12,5% de uma loja comercial no térreo.

O casarão de São Conrado, comprado pelo presidente Fadel Fadel em 1961 por 45 000 cruzeiros, serve de concentração para os profissionais. Os amadores têm uma concentração em Jacarepaguá. A futura Vila Olímpica será construída no terreno de 300 000 m^2, na Barra da Tijuca — o clube já pagou 150 milhões de cruzeiros e deve mais cinco parcelas de 30 milhões, que serão pagas com a verba da Loteria Esportiva.

O total aproximado do valor do patrimônio do Flamengo é de 100 bilhões de cruzeiros. O clube tem 92 000 sócios cadastrados, mas só 12 000 pagam mensalidades em dia e freqüentam o clube, que tem ainda 3 700 sócios-proprietários.

ABRIL

Biguá: raça, dedicação e amor à camisa

O GLOBO

Garcia: uma garantia no gol

A HISTÓRIA de um clube se sustenta nas glórias e aventuras de seus heróis — os jogadores. E talvez nenhum outro clube do Brasil pôde ver sua camisa vestindo tantos craques notáveis como o Flamengo. Nem mesmo Pelé resistiu. Em 1979, já aposentado, vestiu-se de rubro-negro para ajudar o Mengão a bater o Atlético Mineiro por 5 x 1, num amistoso no Maracanã. Antes dele, jogadores como Friedereich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Perácio, Valdemar de Brito, Jair Rosa Pinto e até Garrincha — a nata do futebol brasileiro — não encerraram suas carreiras sem passar pelo menos uma temporada no Flamengo.

Mas quem foi o melhor de todos? As opiniões, em geral, dividem-se entre dois garotos franzinos que, em épocas diferentes, chegaram à Gávea sem alarde e, aos poucos, graças à magia de seus pés, viraram astros: Zizinho e Zico.

Thomaz Soares da Silva, o Zizinho, surgiu em 1939 na Gávea, depois de ter sido dispensado pelo América, que o considerou muito frágil para agüentar a pancadaria que persegue os craques. Em pouco tempo, no entanto, aquele mulato magro começou a brilhar ao lado de estrelas consagradas, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Com a venda de Leônidas para o São Paulo, três anos depois, ▷

ABRIL

Reyes: um paraguaio que não dava moleza

Zizinho assumiria o comando do time, conduzindo-o ao seu primeiro tricampeonato, o de 1942, 43 e 44. Ele era o cérebro da equipe, o armador de todas as jogadas. Driblava com facilidade, lançava com perfeição e chutava forte com a esquerda e a direita. Como Pelé, não havia zagueiro que o marcasse. Como Pelé, aprendeu a bater para conservar a própria integridade.

Zico, depois da conquista do título Mundial Interclubes, em dezembro de 1981, tornou-se, na opinião de outros flamenguistas, o único homem a rivalizar com o intocável Zizinho. A ponto de inimigos políticos, como os ex-presidentes André Richer e Márcio Braga, unirem-se na mesma tese:

ABRIL

Zizinho, o mestre Ziza: no comando do time

DOIS HINOS QUE SÃO UM LUXO SÓ

O Flamengo tem dois hinos: o oficial e o popular. O primeiro foi criado por um ex-goleiro do clube, o jornalista, escritor e teatrólogo Paulo Magalhães, quando o Flamengo fez 50 anos. Mas foi o segundo, criado por Lamartine Babo — compositor, teatrólogo, escritor e jornalista —, na época de ascensão do futebol brasileiro, durante a Copa do Mundo de 1950, que caiu no gosto do povo.

O hino oficial:

Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar
Flamengo, Flamengo
Campeão de Terra e Mar (bis)
Saudemos, todos,
Com muito ardor.
O Pavilhão do nosso amor,
Preto e encarnado,
Idolatrado,
Dos mil campeões,
Do vencedor.

Flamengo, Flamengo.
Tua glória é lutar.
Flamengo, Flamengo.
Campeão de Terra e Mar.

Lutemos sempre com valor
Ardentemente, com denodo
[e fé
Que o futuro ainda será
Mais lindo,
Que o seu presente,
Que tão lindo é.
Flamengo, Flamengo.
Sua glória é lutar.
Flamengo, Flamengo,
Campeão de Terra e Mar.

ABRIL

Lamartine Babo

O hino mais popular do Flamengo é de Lamartine de Azevedo Babo, um dos maiores autores de nossa música popular. Lamartine era um torcedor fanático do América. Em 1942, criou o mais popular programa de rádio, da época, o *Trem de Alegria*, com o rubro-negro Héber de Bôscoli e a tricolor Iara Sales. Com o sucesso do programa, levado ao ar às segundas-feiras, e pelos comentários satíricos e humorísticos sobre os resultados dos jogos do dia anterior, Lamartine resolveu criar um hino para cada clube do Rio e para a Seleção Brasileira

O hino de Lamartine:

Uma vez Flamengo,
Sempre Flamengo.
Flamengo sempre eu hei de ser.
É meu maior prazer,
Vê-lo brilhar,
Seja na Terra,
Seja no Mar...
Vencer, vencer, vencer...
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer.
Na regata
Ele me mata,
Me maltrata,
Me arrebata
De emoção.
No coração,
Consagrado.
No gramado
Sempre amado.
O mais cotado
Nos Fla x Flus
É o ai Jesus...
Eu teria um
Desgosto profundo
Se faltasse
O Flamengo no mundo.
Ele vibra,
Ele é fibra
Muita fibra.
Já pesou
Flamengo até morrer
Eu sou.

"Zizinho jogava mais para o time, não aparecia tanto, era armador de jogo. Zico é um goleador, um craque que decide partidas".

Uma coisa, porém, é certa: cada um em sua posição e em sua época, eles são marcos absolutos da história do clube.

Domingos da Guia e Leônidas da Silva vêm a seguir na preferência dos rubro-negros. Ambos chegaram à Gávea em 1936, eram profissionais numa época de amadorismo.

Leônidas era tão bom que, aos 13 anos, já recebia dinheiro para jogar. Encantou os torcedores do Rio, Uruguai e São Paulo, sendo considerado um dos maiores jogadores do mundo na Copa de 1938, na França. Se tivesse ficado no Flamengo — transferiu-se para o São Paulo em 1942

ABRIL

Leônidas: aos 13 anos, pago para jogar

JB

Dequinha, raçudo; Joel, sóbrio e eficiente

—, dividiria hoje as preferências com Zico e Zizinho.

Domingos, o Divino Mestre, alto e esguio (1,87 m e 79 kg), possuía uma habilidade rara para um zagueiro. Sentia prazer em driblar os atacantes dentro da área, para desmoralizá-los, jogada que passou a ser chamada de "domingada".

Dos outros, quatro — o goleiro paraguaio García, os laterais Biguá e Júnior, e o quarto-zagueiro Reyes, também paraguaio — fi- ▷

caram famosos pela raça, dedicação e amor à camisa, virtudes consideradas imprescindíveis para um bom flamenguista. Já Dequinha, além de raçudo — protegia a área como um anjo guerreiro —, possuía técnica apurada e foi considerado um dos últimos centromédios clássicos.

Nas pontas, o Flamengo teve dois craques de estilos opostos: Joel, sóbrio e eficiente, veloz e preciso nos cruzamentos, titular por dois jogos na Copa de 1958, sendo barrado depois por Garrincha. E Vevé, um ponta-esquerda driblador, ágil. Elegante fora do campo, tinha hábitos sofisticados: freqüentava os bares da moda, onde só tomava uísque escocês. Terminou tragicamente. Transformado num homem triste por uma paixão não correspondida, entregou-se à bebida e morreu em 1962, com apenas 34 anos.

Craques tristes como Vevé, alegres como Zico, discutidos como Leônidas, perfeitos como Zizinho, bravos como Biguá e Júnior. Com sua arte e seu suor, eles arrancaram vitórias e construíram a legenda da camisa vermelha e preta. Formariam, juntos, um time de sonhos e fantasias para qualquer torcedor — o maior Flamengo de todos os tempos. □

O GLOBO

Vevé: ponta-esquerda ágil e veloz

QUEM VOTOU

Votaram para a escolha do melhor Flamengo de todos os tempos, na edição n.º 642 de PLACAR: *Jornalistas* — Jocelyn Brasil, Jacques Ades, Aristélio Andrade, Geraldo Pedrosa, João Areosa, Lan, Maurício Azedo, Manoel Epalbaum, Celso Garcia e Roberto Ricão. *Jogadores e cartolas* — Márcio Braga, Modesto Bria, Flávio Costa, Togo Renan Soares, Edevaldo Santa Rosa, Luís de Melo Rego, Ivanir Monteiro Gomes, Moacir Cordeiro, Thomás Soares da Silva e José Antunes da Silva. *Torcedores* — Filipe van Bavel, Laura de Carvalho, Henrique Ramos Moura, Ubirajara Maximiano, Lauro de Luca, Gérmen Fruitos Trilhas, Rui Leite, Ernesto Escovino, Osvaldo Goretti e Jorge Ben.

O FLAMENGO VERDE E AMARELO

A Seleção Brasileira teve a participação de 83 jogadores do Flamengo, entre 1914 e 1984. Zico foi o que mais vezes jogou por ela: fez 56 gols em 74 partidas. Júnior vem em seguida: 51 jogos, seis gols. Depois, Zizinho: 27 jogos, 19 gols. O ponta-esquerda Paulo César Lima (cinco gols) e o lateral-direito Toninho (três gols) jogaram 23 partidas. Tita jogou 22 vezes e fez seis gols. Além deles, eis os jogadores do Flamengo que vestiram a camisa da Seleção:

Goleiros: *Kuntz (9 jogos), Raul (5), Luís Borracha (4), Válter (3), Renato e Batalha (2), Amado e Jurandir (1).*

Zagueiros: *Leandro (19), Brito (17), Jaime de Almeida e Norival (14), Paulo Henrique (13), Mozer (12), Penaforte, Domingos da Guia e Juvenal (10), Nery (9), Píndaro de Carvalho e Bigode (8), Nílton (7), Biguá e Jadir (6), Telefone, Dino e Hélcio (5), Pavão (4), Rondinelli, Sisson e Carlos Alberto (3), Japonês, Benvenuto, Chiquinho, Médio, Rodrigues Neto, Jaime (2), Rodrigo, Murilo, Luís Carlos e Marinho (1).*

Meio-campo: *Gérson (10), Dequinha e Moacir (8), Geraldo (7), Andrade (6), Paulo César Carpegiani (5), Vítor, Rubens e Adílio (2), Paulinho e Carlinhos (1).*

Atacantes: *Joel (16), Evaristo (13), Dida (12), Zagalo (11), Leônidas da Silva (10), Índio (9), Newton e Silva (7), Pirilo (6), Sidney Pullen e Moderato (5), Henrique e Junqueira (4), César Lemos (3), Orlando, Babá, Dario e Nunes (2), Carregal, Nonô, Vevé, Germano, Aírton e Luís Carlos (1).*

VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE ÁLCOOL E GASOLINA

MAS ÓLEO SÓ TEM UM

Todos os motores funcionam do mesmo jeito,
sejam a álcool ou gasolina.
Portanto, o óleo que serve para um serve para o outro.
Diferentes são as condições de temperatura, as pistas
e o desgaste que eles enfrentam.
Ainda mais num país deste tamanho.
Ipiranga GP Super é o óleo que mais entende de Brasil.
É uma fórmula desenvolvida para rodar em
condições tipicamente brasileiras. E que conserva por
mais tempo todas as características do óleo.
A classificação SF do Ipiranga GP Super faz do seu motor
uma supermáquina.
Seja qual for o carro ou o combustível.

FÓRMULA BRASIL

PARA ÁLCOOL E GASOLINA

IPIRANGA

É com ela que você faz o inimigo enxergar tudo vermelho.

Competitor.

Competitor é para quem compete com garra de vencedor.

O solado é de borracha vulcanizada e rebites de reforço. Marca PONY gravada autenticando o produto.

Artesanalmente construída em vaqueta-flor integral, superamaciada e selecionada. É para um profissional. E para um amador que joga como um profissional.

Tecnologia mundial PONY ajudando a melhorar o futebol no país do futebol. PONY. Você não usa só por esporte.

PONY®

Produzida sob licença da PONY International por Calçados Spessoto Ltda. - Cx. Postal 89 - Franca - SP.